

TEOLOGIA NO BRASIL

Reflexões crítico-metodológicas

J. B. Libânio

Instituto Aloisiano - Rio de Janeiro

Este trabalho apresenta-se, dentro do quadro mais amplo da temática da IX Semana Filosófico-teológica do Colégio Cristo-Rei - UNISINOS - RS, dedicada ao método de fazer Filosofia e Teologia hoje na América Latina, como uma tentativa de situar-nos como Brasil neste contexto mais vasto de América Latina.

Não se trata de estudo histórico da Teologia no Brasil (1), mas de observações de cunho metodológico sobre como ensinar e fazer teologia na nossa situação atual. Não me restringirei ao elemento próprio do Brasil, enquanto ele se contrapõe aos outros contextos latino-americanos. Tratarei da "especificidade brasileira" primeiramente enquanto se opõe ao contexto cultural europeu. Nisto temos muito em comum com os outros países da A. Latina. Dentro do amplo contexto latino-americano indicaremos alguns elementos mais próprios do Brasil. Trata-se de um trabalho crítico-programático, indicando alguns reparos sobre a maneira de ensinar e fazer teologia em nossas Instituições Teológicas, e acenando para possibilidades concretas na sua reformulação.

Manteremos no trabalho uma certa preocupação epistemológica, fazendo-nos conscientes da estrutura, do dinamismo, do modo de funcionamento, dos interesses da prática teológica. Em diversos momentos, preocupar-nos-emos com a explicitação da racionalidade e cientificidade da teologia, a fim de desvelar certas impurezas epistemológicas, que facilmente cometemos na nossa tarefa teológica. Nossa atenção voltar-se-á, não raras vezes, para elementos subjacentes, seja de origem filosófica, seja de cunho ideológico, procurando manter certa vigilância sobre as operações conceituais e metodológicas da prática teórica de nossa teologia. Somos acossados freqüentemente por empecilhos no nível mesmo do conhecimento e da sua fabricação. São "obstáculos epistemológicos" que afetam a produção dos conhecimentos teológicos. Não se trata de conside-

rar obstáculos externos, nem de fraquezas dos sentidos e do espírito humano. É no próprio ato de conhecer, observa G. Bachelard, intimamente, que aparecem, por uma espécie de necessidade funcional, lentidões e perturbações. Há causas de estagnação e de regressão que se situam no conhecimento do real. São resistências intelectuais que bloqueiam, desfiguram a produção dos conhecimentos científicos. Todo conhecimento se faz contra outro conhecimento, que lhe é um obstáculo, quando não superado. Numa palavra, observa o epistemólogo francês, o espírito ao apresentar-se diante da cultura científica nunca é jovem. É mesmo muito velho. Tem a idade de seus preconceitos (2). De fato o nosso espírito "teológico" ao defrontar-se com o seu objeto de reflexão carrega séculos de preconceitos, cujo desconhecimento desfigura o produto teológico. A teologia necessita, por isso, sofrer verdadeiro processo psicoanalítico, para esconjurar uma série enorme de falácias, de erros sistemáticos, de confusões de níveis de leitura, de misturas semânticas. Cabe, então, uma atitude de clarividência, de vigilância epistemológica (3).

Seria um trabalho interessante a ser elaborado, mas que foge no momento às nossas possibilidades, uma reflexão sobre as patologias do discurso teológico com uma conseqüente tentativa de oferecer-lhe uma terapia epistemológica. Outros fizeram sobre a forma concreta de ser católico (4). O discurso teológico não se distingue precisamente pela lucidez a respeito de pressupostos, preconceitos, obstáculos epistemológicos. Antes, devido ao seu alto nível de implicação e de performatividade, o discurso teológico é fortemente ameaçado por inúmeros fatores estranhos à pureza do teologar, mas que se lhe fazem internos.

Para facilitar a exposição, formulei minhas idéias em forma de teses. Com isso, penso que o objetivo central do proposto se torne mais claro e caiba melhor uma ulterior discussão, como é de esperar de um Symposium como este.

1ª Tese: Há e deve haver uma distinção entre o "lugar de fazer" e o "lugar de ensinar" Teologia, ainda que ambos os lugares estejam intimamente relacionados.

1. Sentido da tese

Nas discussões sobre a metodologia teológica, frequentemente não se distingue um duplo lugar: o de ensinar e o de fazer Teologia. A Teologia é um discurso teórico sobre a experiência de fé da comunidade eclesial (fazer Teologia). Outra tarefa é o aprendizado de construir este discurso sob a orientação de professores (ensinar Teologia). A confusão entre esses dois lugares aparece frequente-

mente nos epítetos que se dão à Teologia e o mal-estar reinante em muitas Instituições Teológicas. Exige-se de uma Teologia ensinada as qualidades próprias do lugar de criar Teologia, que não é a Universidade. Esquece-se que existem dois lugares com exigências próprias, ainda que mantenham entre si ligações profundas e que não se podem desconhecer.

A tese elaborada em termos abstratos, teóricos e formais não quer desconhecer nossa situação concreta de Brasil. Predominam reflexões epistemológicas produzidas, contudo, por quem se situa socialmente em determinado contexto. Este é determinante na maneira de conduzir o pensamento, apesar de ele ganhar uma validade além de tais situações concretas.

Está na base de tais reflexões a minha experiência de professor e teólogo latino-americano. De um lado, estamos lecionando dentro de uma Instituição Acadêmica com todas as suas exigências, vantagens e limites próprios; de outro, tentamos elaborar uma Teologia que responda às necessidades de uma Igreja local, a que pertencemos. Este trabalho será como que uma reflexão em voz alta sobre minha dupla prática de professor e de teólogo, na pretensão de poder ajudar a quem se encontra na mesma situação e de fazer ver aos estudantes de Teologia dois níveis e campos diferentes de exigências.

A distinção entre lugar de ensinar e de fazer Teologia é formal. Diz respeito à diferença de aspectos, ainda que haja uma "unidade real, objetiva e concreta". Mesmo assim tal distinção formal ajuda a evitar impurezas metodológicas, a prevenir exigências descabidas oriundas da confusão entre os dois lugares. Ultimamente vivemos continuamente reunindo-nos para discutir problemas referentes ao ensino de Teologia e as Instituições Acadêmicas buscam encontrar um caminho próprio. Estas reflexões visam a oferecer modesta contribuição para tais discussões, situando alguns problemas nos seus devidos lugares.

2. Lugar do Ensino

Vamos trabalhar com a categoria "lugar". O "lugar" define-se sobretudo pela sua dupla função de permissão e interdição. Torna possíveis (permite) certo tipo de produção, certa pesquisa, define o factível de um processo científico. Por outro lado, torna impossíveis (interditas) outras pesquisas, outro tipo de produção. Exclui do discurso, censura, tudo que não cabe dentro de sua produção. Não é uma realidade extrínseca ao processo produtivo do discurso teológico, mas faz-lhe parte. Não lhe é estrangeiro, nem acessório, nem uma intromissão indevida. Assim vamos ver como tanto o "lugar do

ensino" quanto o "lugar de fazer" teologia pertencem à própria contextura científica da Teologia, que lá se produz. Estes lugares vão determinar as possibilidades e os limites dessa dupla prática diferente do ensinar e do fazer Teologia (5).

O "lugar do ensino" é fundamentalmente pedagógico, didático. Trata-se de ensinar os alunos a fazerem Teologia e não tanto comunicar o "elaborado teológico" mais atualizado ou pragmaticamente útil. Não é o lugar da produção, do "último grito", nem do supermercado de diferentes produtos teológicos à escolha de alunos sempre ávidos de novidade. Não é um magazine variado, onde produtos vindos dos mais diferentes lugares encontram sua prateleira, seja numa desordem caótica, como numa ordenação ideologicamente classificada.

Muita deturpação no ensino da Teologia vem de transformá-lo numa "feira internacional" de conhecimentos, ricos e variados, mas cujo segredo de fabricação escapa ao expectador. Repete-se o esquema da sociedade de consumo, onde os "know-how" são avaramente guardados, enquanto que a abundância dos produtos invade todos os recantos. E sobretudo os países periféricos estão acostumados a consumir produtos feitos alhures sem a mínima curiosidade e mesmo possibilidade de desenvolver uma tecnologia à altura.

O "lugar do ensino" está voltado para iluminar o "lugar epistêmico" da Teologia, procurando elucidar o que seja o "teológico" da Teologia. Trata-se de aprender a teologar, e não aprender uma teologia. É o lugar de conhecer as regras internas do pensar teológico. É um momento profundamente intra-teológico, procurando elucidar o que seja o "teológico" da Teologia. Trata-se de aprender a teologar, e não aprender uma teologia. É o lugar de conhecer as regras internas do pensar teológico. É um momento profundamente intra-teológico, procurando compreender como seu saber evoluiu ao longo da cultura.

A Teologia é analisada na sua condição de prática teórica. Procura-se ver como o processo de transformação de um dado pré-teológico (matéria prima) chega a um resultado teológico determinado (produto), efetuado pelo trabalho intelectual do teólogo usando a mediação hermenêutica (meios de produção). Conhecer é aqui entendido como produzir o conceito adequado do objeto pela aplicação de meios de produção teórica (teoria e método) a uma matéria prima dada. É uma prática específica, teórica, distinta das outras práticas existentes (prática econômica, política, ideológica) (6). O ensino da Teologia deve concentrar-se sobretudo na tarefa de iluminar esta sua prática teórica própria. Por mais relação que esta

prática tenha com as outras e por mais importante que ela seja, contudo torna-se insubstituível o conhecimento profundo da especificidade da prática teórica em geral e da teológica em particular. Vivemos num contexto cultural pragmatista, onde o descrédito do teórico e o impulso afetivo do imediato podem deturpar radicalmente a elaboração da Teologia. Se há um lugar em que a pureza epistêmica deve ser conservada, é o do ensino.

Portanto, o lugar do ensino não pode ser aquecido facilmente pela urgência cálida dos interesses imediatos, mas antes fixar-se na explicitação da originalidade da prática teórica teológica e seu significado no interior do universo da fé, da Igreja e da sociedade. L. Althusser, insuspeito de qualquer idealismo, adverte-nos do erro empirista e idealista de dizer que os conhecimentos científicos são o produto da prática social em geral ou da prática política e econômica. Pois assim alimentaremos a idéia de que as práticas não-científicas produzem por si mesmas, espontaneamente, o equivalente à prática científica, e descuidaremos o caráter e a função insubstituíveis da prática científica (7). É o preconceito de que a própria prática pastoral é suficiente sem uma teoria (teologia) ou que a produz espontaneamente. No ensino da Teologia deve aparecer claro esta relação dialética, evitando simplismos fáceis. A prática pastoral entregue a ela mesma não produzirá senão teologias reformistas, facilmente mescladas de elementos incriticados da ideologia dominante ou divergente. Em todo caso, será uma teologia não auto-criticada, não auto-regulada, entregue e sujeita a manipulações alheias a seu estatuto próprio, já que ele é precisamente negligenciado. Não é necessário enfatizar o risco que tal tipo de Teologia corre, uma vez que perdeu seu auto-controle. Este só é possível através do conhecimento rigoroso e uso exato das regras que presidem seu estatuto teórico.

É fundamental no estudo e ensino da Teologia penetrar no seu modo peculiar de apropriar-se do objeto material que lhe é proposto. Tal modo consiste num processo hermenêutico, em que a partir das Escrituras Cristãs se faz a leitura do material pré-teológico. A mediação hermenêutica — os meios próprios de produção da Teologia —, supõe um contínuo processo de compreensão da Tradição cristã por um lado, e por outro o confronto desta compreensão com o dado a ser teologizado. Podemos, portanto, distinguir três passos no processo teológico. Um **primeiro passo** é a elaboração do dado pre-teológico, tirado seja da experiência, seja do fruto da elaboração de outra ciência. Um **segundo passo** é a compreensão da Escritura cristã, o modo próprio com que a Teologia lê, elabora o dado que o primeiro passo lhe oferece. Este segundo passo tem dois momentos. Supõe um saber explicativo da Escritura cristã, procurando penetrar-lhe as estruturas, com instrumentais científicos crítico-

literários. Num momento ulterior, busca a compreensão, o significado dessas estruturas, numa síntese estrutura-sentido. Momento que se processa, seja de modo mais positivo, num esforço de memória compreensiva da Tradição, nos seus grandes momentos, seja de modo mais especulativo, numa penetração mais discursiva a partir do dado re-cord-ado. Um terceiro passo é de novo sintético. Confronto do dado pre-teológico com a compreensão das Escrituras cristãs, de tal modo que surge um produto novo, que não é nem a simples repetição da tradição cristã, nem a conservação intacta do dado pre-teológico. Dá-se uma ruptura epistemológica. É um conhecimento novo, que se faz contra o conhecimento anterior, numa negação dele. Trava-se um duelo, uma luta, donde surge a novidade engendrada (8).

O "lugar do ensino" concentra-se em seguir vigilantemente o aluno através das peripécias do processo produtivo teológico. Com isso, salienta mais a sintática, com suas regras do uso do discurso, desvelando os preceitos que comandam as combinações dos símbolos elementares do discurso teológico. Ocupa-se também com a semântica, perseguindo a evolução dos significados, sua modificação, sua história (9). O ensino da Teologia deve apetrechar o aluno para passear lépido no complexo universo de significados de tão longa tradição cultural. A tradição cristã contém uma riqueza abundante de textos de momentos culturais tão diferentes, que, sem um aprendizado rigoroso, o seu manuseio pode ser uma espada de dois gumes. O aluno deve aprender a interpretar tantas fórmulas, colocá-las em correspondência através de todo um processo evolutivo semântico.

A Teologia ocidental pertence precisamente a uma tradição cultural que tem dentro de si a capacidade de reagir aos estímulos que recebe de outras civilizações, é uma tradição que sem cessar se transforma (10). É uma tradição que se compreende e se quer em oposição ao que sempre foi - constitui-se como princípio de estar em - ruptura em relação ao passado e em inovação em vista do futuro (11). Ensinar Teologia dentro desta tradição exige preparar o aluno a saber assumir com inteligência e vigilância esse processo auto-superador, característico de nossa consciência moderna.

O lugar do ensino é o do confronto com a tradição. Não é possível ensinar Teologia a não ser em contínua luta de compreensão com o passado, açulado, sim, pelas perguntas do presente. Aprender a fazer Teologia é iniciar-se nos meandros das Escrituras Cristãs, com tudo o que isto significa, a fim de ser capaz de enfrentar novas perguntas, novos dados a serem pensados teologicamente. Uma ciência só merece este nome se souber desenvolver-se permanentemente. Uma ciência que se repete, sem descobrir nada, é uma ciência

morta; não é mais uma ciência, e sim um dogma petrificado (12). A Teologia só poderá viver de suas novas sínteses, novas "compreensões", se, no lugar de seu ensino, se aprender as leis próprias, os meios próprios, as condições próprias de sua atividade.

Concluindo, podemos dizer que desconhecer o lugar do ensino da Teologia na sua especificidade é comprometer o futuro do fazer Teologia. Aparece já aí uma íntima relação entre estes dois lugares. Mais ainda. O ensino visa a capacitar o estudante a ser teólogo. Mas não o será de modo verdadeiro senão na sua própria região, no meio dos problemas de sua Igreja local. Por isso o ensinar está também profundamente vinculado ao fazer Teologia. O lugar do ensino possibilita o conhecimento da maquinaria própria do processo produtivo teológico. Doutra lado, interdita a produção de uma Teologia sempre nova, resposta aos problemas pastorais do momento.

3. Lugar de fazer Teologia

A Teologia não é feita para ser ensinada. Não é uma ciência acadêmica. Não é um produto para consumo dos alunos ou para o deleite dos próprios colegas teólogos. Toda vez que o lugar de fazer é a academia temos uma Teologia viciada no seu interior. Ela é pastoral. É um discurso metódico sobre a consciência reflexa de fé da práxis pastoral da Igreja.

Para compreender melhor a tarefa da Teologia, cabe distinguir três níveis. No primeiro nível temos a realidade concreta, o dado real. É a ordem da salvação. O lugar de caridade, onde acontecem a salvação e a condenação dos homens. Lugar da práxis, do real, da História da Salvação e condenação dos homens. Todos vivem esta realidade, com níveis diferentes de consciência. Realidade dada e em devir, onde se joga nosso destino pessoal e histórico. É o nível do concreto, do real, do unitário. Nele estão em jogo as forças antagônicas do "mundo" e de Deus.

O segundo nível é o da consciência dessa realidade. É o nível da fé, no sentido de que a ordem do real é vista à luz da Revelação, da Palavra de Deus. Aceita-se a chave de interpretação da Revelação para ler a realidade. A fé é a consciência da caridade. A história é compreendida como salvação e condenação, como libertação e opressão, na sua dualidade irreconciliável de bem e mal na sua última raiz. A fé nos remete a uma Palavra que se anuncia e que neste anúncio torna presente a salvação. Os acontecimentos tornam-se transparentes no seu último sentido salvífico ou de condenação. Toma-se consciência de que a obra da salvação continua a realizar-

se entre nós, e em certo sentido a vida da Igreja é uma manifestação do que foi anunciado (13).

Sobre tal real, (1º nível), entendido à luz da Revelação (2º nível), pode-se fazer um duplo discurso (3º nível). Este terceiro nível é, portanto, um discurso sobre uma realidade apreendida por uma consciência que crê. Reflete um esforço para tornar mais claro, explícito, por meio de uma linguagem, o que faz o objeto da fé, isto é, a realidade entendida à luz da Revelação. Discurso que procura fazer aparecer o significado dos acontecimentos salvíficos. É um discurso interpretativo, hermenêutico. Pode acontecer, entretanto, de duas maneiras. Há um discurso espontâneo, não auto-regulado, que nasce da raiz da fé. Não está preocupado com suas regras. Caracteriza-se pelo seu **cunho religioso**. É o discurso do profeta, do catequista, do homileta. O discurso religioso mantém uma relação direta com o vivido. E selvagem. Colado à realidade. Não atenta ao aparelho teórico que o pode controlar. Exprime o vivido, elabora-se em função de soluções de problemas concretos (14). Usa antes a elocução performativa e auto-implicativa, carregada de força elocutória, em vez de uma linguagem objetiva, conceitual, criticada (15).

O discurso propriamente **teológico**, por sua vez, é científico, auto-regulado. Tem suas regras internas. Possui um estatuto teórico definido. Não se permite a liberdade semântica e sintática de outros discursos religiosos. Cuida de sua cientificidade. É um discurso construído segundo uma gramática estabelecida. Discurso educado, disciplinado. Diz respeito diretamente ao conhecimento, elaborando os seus próprios meios de auto-controle.

O lugar de fazer o discurso teológico é fundamentalmente a práxis da pastoral da Igreja local. É a partir da vida concreta da Igreja e em função desta vida que o teólogo produz seus conhecimentos teológicos. São explicitações dos questionamentos, das perguntas, das necessidades, das buscas de significado, da luta contra o erro e o mito, da compreensão do sentido da própria práxis, que a comunidade eclesial levanta. Por isso, o lugar de fazer Teologia tem de ser, não a Academia, e sim a vida concreta da Igreja. Não se faz Teologia para os outros teólogos lerem. Visa à vida da comunidade. Por isso tem de partir de dentro dela. Da Teologia dever-se-ia poder dizer que as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias da comunidade eclesial são também as suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (GS nº 1). Esta sua proximidade não é determinante de sua episteme, e sim das questões que devem ser abordadas dentro de sua perspectiva própria. As regras internas do teologar não são afetadas pela proximidade pastoral, de modo que uma teologia acadêmica fosse mais teologia. Trata-se de uma condição do próprio teologar,

que é sua vinculação com a realidade pastoral. Não é uma redução do discurso teológico ao discurso religioso. No discurso teológico parte-se da práxis pastoral e volta-se a ela, mantendo-se entretanto todo o rigor da mediação hermenêutica, enquanto que no discurso religioso tal mediação não possui a mesma exatidão.

Mais. O discurso teológico envolve-se na sua própria natureza com a experiência da comunidade eclesial. Esta, por sua vez, não é inteligível sem uma relação com a Igreja universal. Comunidade local e Igreja universal constituem uma relação dialética. Não se pode pensar historicamente a Igreja local nem a Igreja universal a não ser dialeticamente. A comunidade particular está em face da Igreja universal numa típica relação dialética, que é constitutiva do ser histórico como tal (16). O mesmo vale da teologia. Ela tem uma universalidade, que não é abstrata, precisamente porque pensa historicamente na fé a vida eclesial de uma comunidade particular. Esta aparece como fenômeno particular da Igreja universal, no qual ela encontra sua reflexão. Assim a Teologia "particular" é um reflexo, somente existe como verdadeira Teologia como mediação concreta da Teologia Católica. O acento sobre a reflexão da comunidade eclesial local não é sectária. Não se trata de um "patois" teológico. A única e universal Teologia mediatiza-se, manifesta-se nas teologias das comunidades eclesiais. Somente assim que podemos falar de uma Teologia universal concreta, real. Não existe como um todo-abstrato, fora das teologias das comunidades eclesiais, mas acontece e faz-se Teologia universal nas mediações concretas de todas as teologias das Igrejas locais. Fora desta percepção dialética, dificilmente se compreenderá a justa reivindicação de teologias situadas. Não se trata de um modismo, mas de uma necessidade do próprio teologar.

A partir desta reflexão, pode-se compreender a importância do lugar situado, geo-histórico, cultural, daquele que faz Teologia. A Academia corre o enorme perigo de crer-se universal. Na realidade, facilmente ela repete o lugar cultural dominante, julgando que está fazendo uma "teologia católica", universal. A práxis pastoral, pelo contrário, salienta o particular, o original, o específico da Teologia. A mediação hermenêutica, fruto ela mesma do jogo dialético do universal (Tradição) e do particular (com-preensão), aplica-se ao particular da vida de fé da comunidade local. Daí surgirá um produto novo, respondendo aos verdadeiros problemas. A Academia é sensível a uma problemática mais livresca, muita vez alheia ao momento em que a Igreja local está vivendo. Por isso, não é o lugar mais fecundo e verdadeiro para fazer Teologia.

Além do interesse epistemológico geral de toda ciência, que é querer fazer algo com o saber, a Teologia tem o seu próprio (17).

Busca compreender a Revelação. Há contudo interesses mais específicos, que dizem respeito ao "lugar social" do teólogo. No nosso caso, temos uma Teologia situada na América Latina, no Brasil. O fazer Teologia está intimamente ligado aos interesses particulares do lugar social onde ela se constrói. De novo, não podemos esquecer que deve existir uma relação dialética entre o "interesse epistemológico" da Teologia, como Teologia, e da Teologia enquanto situada num contexto social determinado. Os interesses universais da Teologia — compreensão da Revelação, fidelidade hermenêutica à Tradição das Escrituras cristãs — e os interesses da Teologia situada — a vida de fé consciente da comunidade dentro da grande Tradição — não podem ser nem exclusivos, nem unilateralmente dominantes. Tem de ir encontrando a "síntese católica geo-histórica". Como católica, compreende a Tradição, como geo-histórica, compreende (entende com) suas próprias perspectivas locais.

A explicitação deste jogo dialético, deve-se evitar que se deteriore, seja numa linha do dogmatismo de "valores eternos", da apologia de um intemporal (18), seja na linha de um sectarismo regionalista, particularista. Os dois extremos espreitam a produção da Teologia. A esterilidade de um universalismo vazio, inócuo, que, no máximo, consegue oferecer uma auto-segurança ideológica, não será superada simplesmente por um relativismo histórico, entregue à fluidez dos interesses particulares do lugar e tempo presentes.

O processo produtivo da Teologia, é, pois, profundamente determinado pelo "lugar social" do teólogo. Nesta primeira tese estamos levando a cabo uma reflexão de caráter epistemológico. Por isso, importa compreender bem o significado do "lugar social" na produção da Teologia, prescindindo por enquanto do específico do nosso lugar social.

O "lugar social" é determinado pelos condicionamentos, pela realidade empírico-social, em que se vive. Reflete um engajamento político. A prática teológica, como toda prática científica, teórica pertence à realidade social. Desempenha aí um papel. Exerce uma função sócio-política. Faz parte do mundo ideológico. Tem, portanto, um lugar social. O teólogo, por sua vez, é também um agente social. Mesmo que não tenha consciência explícita, revela na sua prática teórica, como todo ser humano aliás, um compromisso social. Existe um código, nem sempre decifrado, que comanda a relação do teólogo com a realidade social em que vive. Isto significa que na tarefa de teologar se fazem presentes interesses sociais, fruto de opções. Não se trata necessariamente daqueles interesses que o teólogo na sua própria consciência se propôs ou creu estar vivendo, mas daqueles que objetivamente se revelam através da prática em exercício. Facilmente

confundimos o nível do interesse, que preside às opções pessoais internas, inacessíveis a alguém de fora e o de uma verificação através dos fatos. Numa palavra, não se trata de interesses subjetivos do indivíduo, daquilo que ele na sua consciência individual diante de Deus quer fazer, mas daqueles interesses a que nossa prática de fato serve. Isto pode ser analisado, constatado, enquanto que os interesses internos da consciência só Deus pode julgar. Esta confusão leva a muitas discussões inúteis e a ofensas de susceptibilidades, que se sentem feridas, ao se lhes imputarem interesses que nunca tiveram e nem pensaram em ter.

A honestidade intelectual pede que as opções prévias, os interesses objetivos da nossa prática sejam explicitados. Quanto mais explícito, claro e consciente estiver o lugar social do qual se fala, no qual se faz Teologia, tanto menos ideológica é uma Teologia. Entende-se ideologia aqui na sua conotação negativa de "mentira", "engano", "mascaramento da verdade". Escapa-se da pecha de ideologia neste sentido, denotando a conotação, (19) isto é, indicando, desvelando, tornando manifesto o lugar de interesse, de onde se faz Teologia. Perseguem entretanto, principalmente o teólogo a pretensão e tentação de querer saltar o lugar social, de pensar estar fazendo Teologia num "lugar sem lugar". Podemos dizer que tal privilégio é de Deus, transcende a nossa historicidade (20).

Além do mais, esconde-se por detrás da posição de quem pensa que atinge a realidade de modo direto, numa experiência imediata e primeira, sem interferência dos interesses e perspectivas de seu lugar, o clássico preconceito empirista. A epistemologia moderna tem-se voltado precisamente para desmascarar tão perigosa pretensão considerando-a verdadeiro obstáculo epistemológico (21). Daí que a inconsciência do lugar social é grave. Deixa-nos entregues ao arbítrio de interesses não explicitados, não criticados, não escolhidos. Podem por acaso ser bons, honestos, contudo o contrário também é possível. Em geral, acontece que predominam, nestes casos, os interesses da ideologia dominante, que penetra com os meios de que dispõe até os refochos de nosso inconsciente e comanda, sem o percebermos, as nossas opções e escolhas. A nossa defesa situa-se na linha da crítica, da explicitação, do desmascaramento de tais interesses e num momento ulterior na escolha daquele lugar social que mais condiz com nossa opção na tarefa teológica, na prática que desenvolvermos.

Do que viemos dizendo, pode-se concluir que o teólogo se encontra diante do problema da necessidade inelutável de escolher o seu lugar social. Tal opção não é de cunho científico, "teológico", mas ético-cristão. Não são os critérios da episteme científica que

decidem, e sim aqueles que provêm da filosofia (ou espiritualidade) de vida. Na medida em que a fé pervade nossa vida, nesta medida interfere na escolha de tal lugar. Pesa nesta escolha toda uma outra série de considerações fora do alcance das regras internas do discurso teológico. Não são referentes ao estatuto teórico da Teologia, mas à situação ético-sócio-política do teólogo.

A importância de tal opção mostra-se ao percebermos que o lugar social interfere na própria produção do discurso teológico. Por isso, a Teologia, como prática concreta, insere-se num contexto mais amplo da sociedade, da cultura, da práxis global. É dentro de tal conjunto, que se pode compreender a atividade teológica, e medir os resultados concretos que produz. Quanto a sua episteme, a Teologia tem uma autonomia própria, estabelece seu estatuto teórico livremente, independente de outras instâncias. Contudo, na sua qualidade de prática concreta dentro de uma sociedade é dependente, inserida na rede complexa das determinações materiais que a situam em determinado lugar no campo social e lhe assignam data na linha do tempo histórico. A Teologia constrói-se em dependência das condições materiais culturais políticas, seja no lugar de seu nascimento como quanto aos seus objetivos. Nasce marcada pelo lugar de origem. Seu produto pode ser e é destinado a determinado fim social, político, numa visão de conjunto. Numa palavra, não só são importantes para a Teologia o conhecimento de sua sintática e semântica, mas também da **pragmática**.

A pragmática preocupa-se pelo estudo das situações e interesses que comandam o elemento seletivo e combinatório dentro da elaboração do material teológico num sistema. O teólogo encontra-se diante de uma riqueza enorme de dados pré-teológicos. Terá que fazer uma escolha para sua elaboração. A pragmática estuda os fatores que determinam tal seleção. Mais. Na própria compreensão das Escrituras cristãs, que se faz através de seleções, combinações simbólicas, cabe um estudo sobre elementos decisivos em tal operação. Pela pragmática, tenta-se detectar o sistema implícito de decisões na construção do corpo de proposições da Teologia. No uso de fórmulas teológicas, os produtores de tal discurso visam também a agir sobre a realidade social. Em geral, tal perspectiva tem ficado alheia ao discurso teológico. Por isso, o seu caráter ideológico tem sido desconhecido, ainda que atuante.

Se no ensino da Teologia, o professor deve atender de modo especial ao lugar cultural, procurando mostrar aos alunos os horizontes de compreensão das afirmações (semântica), e as regras do seu uso (sintática), no fazer Teologia, a atenção deve voltar-se de modo especial para as determinações sociais, políticas, culturais e para os

interesses que presidem a elaboração do discurso teológico (pragmática).

Concluindo este parágrafo, podemos dizer que o lugar do ensino da Teologia se caracteriza pelo conhecimento da estrutura teórica do discurso teológico, enquanto que o lugar de fazer Teologia procura articular corretamente a sua dupla estrutura: sacramental e crítica (22). A articulação sacramental exprime na sua imediatez os interesses do teologar, enquanto que a crítica o eleva a um nível superior de reflexão. O fazer Teologia é articular criticamente aquilo que a experiência concreta do cristão situado, "interessado", dentro de um contexto eclesial bem definido, levanta como questionamento, interrogação, pedido de esclarecimento, necessidade de inteligência. O fazer Teologia é elevar a um nível de universalidade, criticidade, aquilo que aparece no nível situado, particular como decisivo para a vida eclesial e cristã de uma comunidade concreta.

4. Relação entre os dois lugares

A distinção que estabelecemos entre os dois lugares é de natureza formal. Não existe um puro lugar de ensino, em que somente se veicule uma metodologia, sem que ao mesmo tempo não se comunique uma Teologia concreta, construída. Esta reflete o lugar social de seu nascimento. Mesmo o ato de ensinar tem momentos criativos, pois o professor é teólogo, ou pelo menos deveria ser. Doutro lado, toda Teologia construída torna-se ensinável. É a partir das teologias concretas que os alunos podem aprender a tarefa de teologar.

Há dois modos como a relação entre os dois lugares pode concretizar-se. O mais simples é na **pessoa mesma do teólogo**. É o mesmo que ensina e faz Teologia. É o mesmo que se dá à tarefa de desvelar para os alunos a estrutura interna da Teologia, seu estatuto teórico e que, doutro lado, procura pensar à luz da fé a práxis da comunidade viva, eclesial em que está inserido. Vivendo a unidade do ensinar fazendo Teologia e do fazer Teologia ensinando, pode explicitar os dois momentos formalmente distintos, mas vividos na unidade da mesma pessoa. Assim conseguirá fazer ver aos alunos a diferença desses dois momentos, sem que se rompa a unidade existencial.

Uma relação mais profunda que afeta a **própria estrutura do método da Teologia**. Fazer Teologia tem dois momentos importantes: selecionar os temas e elaborar a mediação hermenêutica, que é aplicada sobre os dados escolhidos. Ao ensinar Teologia, o professor deverá também processar a uma idêntica escolha. Necessita explicitar aos alunos o estatuto teórico teológico. Para isso, toca-lhe mostrar

como a mediação hermenêutica — o modo próprio de a Teologia apropriar-se de seu objeto lendo-o à luz da Tradição Cristã — se constitui. Tal acontece por meio de uma leitura intra-teológica, desta mesma Tradição, procurando acompanhá-la ao longo da história em seus diversos momentos de constituição e compreensão. É verdadeiro tirocínio hermenêutico, difícil. Não há, entretanto, possibilidade de realizar tal operação sem que o lugar extra-teológico do leitor influencie. Neste caso, o professor poderá adotar uma leitura que venha responder à problemática de situações alheias à nossa, ou pelo contrário corresponda a ela. Neste momento, o lugar social do fazer Teologia interfere na atividade de ensinar. Daí que não existe um ensino da Teologia a-contextual, sem conexão com a realidade social em que tal prática pedagógica acontece.

Na própria elaboração da mediação hermenêutica, o professor deve ensinar ao aluno como tal se faz no contexto histórico, social em que ambos vivem. Há toda uma preferência na escolha dos temas a serem trabalhados em curso que se deverá fazer à luz do lugar social, próprio da tarefa produtiva teológica. Toda releitura da positividade da fé, que se faz no ensino da Teologia, é sempre marcada pelo lugar social. Se o aspecto explicativo, elucidando as estruturas constitutivas dos textos, goza de uma cientificidade didaticamente comunicável (ensino), contudo o momento compreensivo acontece a partir da situação concreta atual (produção). E a mediação hermenêutica constitui-se precisamente desses dois momentos numa relação dialética. Daí que o ensino não pode ser entendido como um lugar estanque, à parte, mas sempre em relação dialética com o lugar social da produção teológica.

De fato, não existe uma mediação hermenêutica objetiva, neutra, em si mesma, guardada assepticamente nas Academias teológicas, à disposição dos alunos. Ela é sempre produto, compreendida, isto é, apreendida com, de dentro de nossa situação. No ensino, o professor poderá refazer o processo da Tradição à luz do lugar social em que se vive. Com isso, ensina Teologia (refaz o processo), e faz Teologia (à luz do lugar social) numa unidade real. Cada momento novo supõe os anteriores. A leitura dialética da Tradição, a partir do lugar em que se situa de fato o professor, enfaixa em si mesma a dupla tarefa do ensino e do fazer Teologia numa unidade real. No percurso de leitura da Tradição, consciente de sua situação presente, poderá o professor levantar muitas suspeitas de envoltimentos ideológicos da prática teológica. Tal tipo de crítica só é possível fazer-se, no pressuposto da escolha de um lugar social na própria tarefa do ensino. Como se trata de uma tarefa eminentemente didática, importa que o professor denote com toda lealdade as conotações de seu lugar de leitura. Assim ensina e faz Teologia.

Pertence também à tarefa de ensinar Teologia, fazer ver como os usos sintáticos e semânticos na elaboração teológica foram sempre comandados por interesses (pragmática). Nesse trabalho os dois lugares se unem numa síntese inconfundida. Enfim, o melhor modo de explicitar o "teológico" da Teologia (tarefa do ensino) acontece no ato mesmo de teologar, no realizar a prática teológica, marcada por sua vez pelo lugar social do teólogo.

A intelecção da íntima relação entre os dois lugares, sem negar-lhe real distinção, pode ajudar-nos compreender muitas reivindicações dos estudantes de Teologia. Parece-lhes que o ensinar Teologia se faz de tal modo desligado do fazer Teologia, que ao final do curso sentem-se despreparados para a missão pastoral que lhes cabe. De fato, o que acontece é antes um ensinar Teologia dentro de um fazer Teologia alheio a práxis eclesial local e vinculado a outro contexto eclesial, onde o professor bebeu sua Teologia. Tais reflexões querem questionar-nos em nossa dupla tarefa de professores e teólogos, não permitindo confusões perniciosas nem também separações esvaziadoras seja do ensino como da própria Teologia.

2ª tese: O Ensino da Teologia no Brasil deve superar o lugar seminarístico, clerical, acadêmico.

O "lugar de ensino" difere, pois, do "lugar de fazer Teologia", ainda que ambos mantenham entre si uma conexão íntima. Toca-nos ver que "lugar de ensino" deve ser o nosso. Num primeiro momento, confrontar-nos-emos com o clássico "lugar tridentino de ensino de Teologia", que dominou séculos e ainda se faz presente em alguns seminários de hoje. Será o teor desta tese. O "lugar tridentino" é descrito em três de suas características fundamentais: seminarístico, clerical e acadêmico. Além de analisarmos as conseqüências que tal lugar trouxe para a Teologia, aventaremos alguns elementos em ordem a superá-lo. Assim, esta tese tem três idéias centrais: descrição do lugar tridentino, conseqüências e superação.

1. Descrição do lugar

A descrição do lugar tridentino ocupa-nos sob o aspecto didático-metodológico. Abstrair-nos-emos de considerações históricas, que poderiam ser interessantes e esclarecedoras. Contudo escapam dos limites deste trabalho. A perspectiva histórica ajudaria muito a compreender as razões de tais características, que, vistas num outro horizonte cultural, poderão aparecer somente no seu

caráter negativo. E, de fato, exerceram no seu tempo frutos úberes para a Igreja. Por isso, ao descrevermos o "lugar tridentino", procuraremos prescindir de dar ao lugar um cunho negativo. Antes será descritivo-analítico.

Lugar seminarístico

Transmitia-se uma Teologia em vista da preparação de seminaristas para suas funções pastorais no corpo clerical. O receptor da Teologia era alguém destinado a continuar o sistema eclesiástico. Para isso, preparava-se o jovem. E o professor também era consciente de que seus ensinamentos visavam a um auditório, de antemão, destinado a uma tarefa intra-eclesiástica.

A influência do receptor no produto teológico fazia-se nítida. Tratava-se de um lugar de transmissão da Teologia intra-sistêmico eclesiástico para uso intra-sistêmico. Todos os fatores extra-sistêmicos eram encarados a partir do "lugar intra-sistêmico". Este comandava toda a "episteme", seja quanto ao conteúdo, como quanto à forma de expressão da Teologia.

Os ensinamentos eram selecionados e transmitidos em função da utilidade e interesses dos seminaristas. Tal situação oferecia um prisma de seleção e combinação de elementos teológicos de tal modo que o resultado final saia bem marcado. Os temas mais ventilados queriam responder, não a situação existencial do jovem, mas sim do "seminarista". Interessava antes a função que ele ia exercer dentro do sistema eclesiástico, que a sua situação pessoal, psico-individual, psico-histórica.

Lugar clerical

Mais. Temos uma Teologia ensinada por clérigos para clérigos. Os professores ligam-se também por sua condição clerical aos interesses intra-sistêmicos, mesmo em tentativas liberais. O próprio direito de ensinar está condicionado a uma profissão de fé, que ia, até não muito tempo, muito além de uma fidelidade ao estrito dogma. O "juramento antimodernista", repetido no início de cada ano letivo, exprimia bem esta vinculação do professor aos interesses do sistema eclesiástico. Foi, aliás, sempre um fator de tensão com a assim-dita "liberdade acadêmica". Houve Instituições que a propiciavam em grau maior, outras, porém, a restringiam em grau elevado, reduzindo o ensino da Teologia a uma mera transmissão de conhecimentos de manuais. O teor do "juramento" favorecia um clima reacionário nas Instituições, sobretudo quando dirigidas por consciências estreitas e autoritárias. Muitas formulações são de tal natureza genérica e facilmente manipuláveis numa linha rigorista, e ainda mais, impostas

em forma de juramento, que o ambiente de ensino se tornava profundamente cerceado. Tal juramento tinha também um efeito de auto-censura no professor. Nada mais esterilizante para o pensamento que a auto-censura. Não é em vão que um humorista nacional tem repetido: "livre-pensar é só pensar" (Millor Fernandes). Pode-se então dizer que "não livre-pensar nem é pensar". O "lugar clerical" de nossas Instituições foi ou tem sido freqüentemente um empecilho para o livre-pensar, devido a sua situação de estar numa Instituição controlada.

O lugar clerical atribui ao ensino da Teologia um cunho oficial. Sabemos das vantagens e desvantagens acadêmicas das Instituições representativas de interesses oficiais. Não se faz um ensino, em nome do povo de Deus, que o clérigo servirá mais tarde, mas em nome da Instituição, a que se pertence. Em teoria, ambos interesses deveriam coincidir. Pois a Instituição eclesiástica só tem sentido em função do Povo de Deus. Na realidade humana e histórica, não raras vezes tais interesses entram em conflito. Pois os clérigos distanciando-se da realidade do povo não conseguem captar quais seriam os verdadeiros interesses dele. E facilmente projetam para dentro do povo, os próprios interesses, crendo-os ser do povo. A ausência do leigo nas Instituições, seja na forma de alunos como de professores tem empobrecido o "lugar de ensino", encurtando-lhe a visão da realidade eclesial e histórica.

Temos uma teologia ensinada, determinada pelos condicionamentos sócio-político-econômico-religiosos da "classe clerical". Vale a pena analisar um pouco mais tal afirmação.

Condicionamentos sociais. A classe clerical aproxima-se muito do comportamento oscilante das classes médias na Sociedade. Se de um lado possuem uma abertura para as classes econômico-socialmente inferiores, contudo sentem-se mais ligadas às superiores. Acrescenta-se ainda que a classe clerical desempenha em parte o papel de burocrata e ideólogo da Instituição eclesiástica. Nesta dupla função, o seu ensinamento reflete perspectivas bem determinadas. Não pode escapar a uma certa censura e controle, que lhe limita a criatividade, a originalidade, a coragem e mesmo a ousadia nas afirmações.

No desejo de muitos, o ensino da Teologia deveria reduzir-se à comunicação dos ensinamentos universalmente aceitos pela Instituição Eclesiástica, evitando todos os pontos controvertidos. Deveria refletir a unidade do corpo social eclesiástico, se não de fato existente, pelo menos na perspectiva ortodoxa. O condicionamento social da classe clerical manifesta-se ainda na escassa presença do "mundo" na problemática teológica. Sua condição clerical isola-a de

atividades da maneira de viver dos problemas, que afetam diretamente os leigos. E mesmo quando assume os seus problemas, fá-lo a partir de sua ótica clerical, sem não leves deturpações.

Ora quando o conjunto dos professores e alunos é da classe clerical pode-se facilmente compreender que todo o complexo dos ensinamentos receba marca bem característica.

Condicionamentos políticos. Predomina na classe clerical, sobretudo de anos atrás, uma consciência a-política. Cada Instituição interessa-se especialmente pela política próxima a seu universo de interesses. Assim uma política eclesiástica e acadêmica ocupa grande parte das preocupações e atenções da classe clerical docente. Em geral, em relação à política civil prevalece tendência conservadora ou no máximo neo-liberal, ao lado de repulsa instintiva a toda perspectiva mais socializante.

Evidentemente tais condicionamentos exercerão sua influência na ótica crítica dos professores, sobretudo no que diz respeito a problemática social e tipos de teologia de natureza mais crítica. Não se pode generalizar, uma vez que é típico de tal classe seu caráter oscilante. Há setores que, em movimentos pendulares, se aproximam de uma posição política mais crítica e mesmo radical. No conjunto, entretanto, sobrepuja uma tendência centrista com namoros conservadores. Não se trata de questões pessoais deste ou daquele professor. É o conjunto institucional que condiciona tais posições, exatamente por causa da unilateralidade clerical dos professores.

Condicionamentos econômicos. Houve uma mudança de uma situação de grande instabilidade econômica dos professores de Seminário, com salários assás reduzidos, para a de professores ligados a Instituições maiores, como Universidades, com melhores remunerações. A situação de instabilidade anterior obrigava os professores a multiplicarem suas atividades extra-acadêmicas, com detrimento de sua capacitação e atividade professoral. Ainda tal situação não foi totalmente superada em nosso meio. Na medida em que a Teologia vai fazendo parte de grandes universidades, e seus professores participam das mesmas remunerações que os outros setores, vai-se criando uma situação de maior estabilidade.

Se de um lado um situação de instabilidade econômica gerava uma preocupação de subsistência e bem-estar fora dos quadros acadêmicos, doutro lado a crescente estabilização financeira poderá produzir um tipo de teólogo acomodado e pouco sensível aos problemas sociais, sobretudo quando vivem em regiões onde as contradições não aparecem tão facilmente. Nesta situação econômica, uma Teologia de cunho existencialista e personalista tende a

firmar-se, colocando entre parênteses as tendências dialética e crítica. Perde-se a sensibilidade para problemas de natureza conflitiva e tende-se mais para soluções conciliadoras. O reflexo de tais condicionamentos aparece em diversos setores teológicos.

Condicionamentos religiosos. Uma instituição, em que a predominância é clerical no corpo docente e discente, move-se sobretudo dentro de um horizonte temático, lingüístico e afetivo de cunho religioso. Transforma-se na ótica sob a qual a realidade é compreendida. A "mundanidade" e a "secularidade" na sua autonomia escapam de tal horizonte, ou são percebidas em sua posição antitética a ele.

O espaço religioso prevalecente choca-se facilmente com os problemas e interesses oriundos de uma sociedade conflitiva, marcada sobretudo pela fundamental realidade do trabalho. Não deixa de ser sintomático como o universo do trabalho, com tudo que ele significa, é o grande ausente da Teologia. E vivemos uma sociedade onde os grandes problemas sócio-político-econômicos de qualquer modo que seja se encontram em conexão com o trabalho, sua divisão, sua remuneração, seu significado, etc... Um ambiente por demais marcado pela classe clerical, cujo centro de interesse se fecha, muitas vezes, em volta do universo cultural religioso, dificilmente poderá ser sensível à gravidade e imprescindibilidade dos problemas da sociedade moderna no tangente ao mundo do trabalho e outros aspectos.

Lugar acadêmico

O ensino da Teologia faz-se dentro de uma Instituição Acadêmica, seja de um porte mais limitado como um Seminário diocesano, seja de amplitude cultural maior como uma Universidade. Em todo caso, trata-se de uma Teologia que quer encontrar um lugar do consórcio das ciências. Esta luta da Teologia, que outrora fora rainha e estivera no ponto axial da Universidade medieval, para ter uma palavra própria no entrechoque das disciplinas constitutivas da cultura moderna, tem tido fortes repercussões na maneira de realizar seu ensino. Não goza mais de situação privilegiada e tranqüila. Não pode ficar assentada comodamente sobre os louros do passado, segura de sua cidadania acadêmica. Teve de voltar-se sobre si mesma, perguntar-se pelos seus métodos, aceitar os questionamentos das outras ciências, sobretudo de um pensamento positivista e neo-positivista que a quis excluir do clube fechado das disciplinas de linguagem sensata, coerente, levantando a suspeita de que sua linguagem é in-sensata, sem-significado e rigor. (23)

Este esforço de a Teologia encontrar seu lugar dentro da estrutura acadêmica de uma Universidade serviu-lhe para uma

purificação epistemológica e exigiu-lhe uma vigilância maior sobre sua própria prática teórica. Por outro lado, tem levado muitos teólogos a escreverem praticamente para outros teólogos ou companheiros na lide acadêmica, na ansiosa espera do que eles dirão. Não se trata de uma reflexão em vista do povo de Deus, do crescimento da consciência da fé da comunidade eclesial. As aulas transformam-se no lugar onde tais escritos são comunicados aos alunos, seja na sua forma científica, fala-se então de curso de alto nível, seja numa forma vulgarizada, fala-se de curso "pastoral". O termo pastoral encobre neste caso o tom irônico do desprezo do intelectual para qualquer nível inferior ao seu estatuto puramente teórico e técnico. Não revela a riqueza que o termo encerra: a verdadeira pátria natal da Teologia. Numa palavra: o lugar acadêmico nos fala de uma teologia escrita para professores e vulgarizada para alunos.

O caráter acadêmico coloca o "lugar social" em segundo plano. Com isso, a prática teológica escolar corre o risco de exercer simplesmente uma função intra-sistêmica, reproduzindo, no sentido de copiar e produzir de novo as contradições da sociedade. O ensino da Teologia, perdendo o contacto com a força renovadora e crítica de sua fonte original, a consciência de fé de uma comunidade cristã, termina por tornar-se uma peça a mais do sistema vigente, corroborando-o, justificando-o, e não lhe sendo crítica. Precisamente porque não questiona, nem explicita o "lugar social", pode facilmente servir a interesses que desconhece. Participa de uma "política global educacional", na esfera universitária, sem nenhuma originalidade própria

Enfim, o lugar acadêmico transforma o ensino da Teologia num elemento necessário, obrigatório para a formação dos futuros professores que serão como que perpetuadores do mesmo sistema teórico. Garante-se uma continuidade, que nem sempre é promissora na linha da criatividade, originalidade.

2. Conseqüências de tal lugar

Pela própria descrição do lugar "tridentino", já nos aparecem claras muitas conseqüências cujo alcance convém explicitar com maior precisão. Somente assim poderemos tentar superar-lhe as limitações dentro do campo de possibilidade de nossas condições atuais de Igreja e Sociedade. Vamos trabalhar sobre as três características principais decorrentes do lugar de ensino tridentino: teologia seminarística, teologia clerical e teologia acadêmica.

Teologia seminarística

Caracteriza-se tal Teologia por sua intenção funcional e

pragmática. Está voltada para a ação pastoral do estudante de Teologia, procurando dar-lhe já elementos sobretudo de ordem dogmático-sistemática e canônico-moral. Os clássicos manuais de Sistemática, de Moral, Direito Canônico, revelam bem sua natureza. Existe exígua presença de categorias leigas e seculares. Facilmente descamba para as "receitas" e "fórmulas feitas" a serem ensinadas. Frequentemente não passa de um catecismo ampliado, dentro de uma perspectiva de "pergunte e responderemos".

Com a mesma rapidez com que se aprendem os últimos produtos teológicos, com a mesma eles caducam deixando o seu possuidor despreparado para novas situações. Outras vezes acontece ainda pior. O aluno sai seguro das respostas, numa consciência de "mestre", de modo que sua tarefa se resume a divulgar os conhecimentos adquiridos. Não percebe o processo interno do pensar teológico na sua contínua tarefa hermenêutica a partir de sempre novas situações sociais, culturais. A teologia seminarística caracteriza-se pelo seu caráter axiomático, pouco afeita aos questionamentos, à evolução, à novidade.

Mais. A ótica receptora seminarística produz já uma seleção seja temática como de compreensão. Este empobrecimento dificultará o aluno a enfrentar situações, onde se agitarão problemas de outra natureza. Corre-se o risco de passar à margem de tais questões por incapacidade de captá-las.

A teologia seminarística apresenta, além do mais, enorme defasagem em relação à situação existencial do estudante de teologia. Ignora as características deste jovem que são as mesmas dos outros jovens de seu tempo, como a sensibilidade para os problemas existenciais, com conseqüente desinteresse por um ensino mais teórico, abstrato, sistematizado. No plano da fé, não começa os estudos com a tranqüilidade espiritual de outrora, mas, pelo contrário, traz uma série de problemas, esperando receber alguma resposta ou esclarecimento. Ora, a teologia seminarística desconhece todo esse setor de problemas, pois, se dirige ao "clérigo", naquilo que essa imagem já predeterminada significa, e não ao jovem concreto que se senta nos bancos de aula, carregado de problemas, de contradições pessoais, refletindo uma sociedade, por sua vez, complexa e conflitual.

Teologia clerical

Faz parte tal Teologia do universo institucional eclesiástico. Aí dentro exerce a função de legitimadora. Por isso, torna-se marcada pelo caráter dogmático, ortodoxo e intra-sistêmico. Sua preocupação volta-se para o rigor da verdade e não o vigor da vida. Isto a coloca

numa situação de contínua auto- e hetero-censura. A função intra-sistêmica do teólogo pesa-lhe como uma responsabilidade de maior compromisso com a fidelidade doutrinal que com a criatividade e com o esforço novo em busca de novas respostas.

Nesta perspectiva, o aspecto crítico e hitórico da Teologia cede lugar ao sistemático, dogmático. A preocupação concentra-se em conseguir formular de modo doutrinalmente reto as verdades, num esforço de salientar o permanente, o estável. Com isso, o fator hitórico se transforma antes num empecilho do que num princípio motor do pensamento teológico. Prefere-se a tarefa de organizar os ensinamentos em corpos estáveis que exercer sobre eles a função crítica da razão.

Tal Teologia reflete o lugar clerical do seu produtor. É uma práxis intra-ecclesial, institucional. Alheia-se à práxis extra-ecclesial libertadora, não dando nenhuma resposta a toda a gama de problemas que tal práxis levanta. Nela predominam problemas elaborados a partir dos interesses de uma classe burocrática, com a função de legitimar a instituição. Muitas vezes, fica-se longe dos problemas da vida do povo. Acontece um deslocamento para questões teológicas de relevância puramente para o mundo intra-ecclesial, com grande desperdício de energias em questiúnculas, cujo alcance para todo o povo de Deus é assás insignificante. Não precisa chegar ao grau extremo de alienação clerical de um dos meus professores de Moral que passou grande parte do curso tratando de problemas tão "transcendentais" como do "estipêndio" de missa e das penas eclesiásticas, enquanto os grandes problemas da moral social e os causados pelas ciências modernas ficaram totalmente de fora. A moral e a parte da Teologia dedicada à Igreja, aos sacramentos eram, sem dúvida, onde mais clara aparecia a mentalidade clerical do ensino. A atenção voltava-se quase exclusivamente para o clérigo, como se ele fosse o mais importante.

As ciências naturais, as ciências humanas, as ciências do Social, por sua vez, em pleno florescimento, levantavam uma série enorme de graves problemas para a intelecção da fé, contudo pouco ligados ao mundo clerical. Daí que ressoavam de modo imperceptível a ouvidos não acostumados a esses ruídos mundanos.

Teologia acadêmica

O aspecto acadêmico da Teologia fê-la mais orientada à problemática trazida pelos desafios dos intelectuais e não pelos do povo. Se alguns problemas além do mundo clerical tinham chance de perturbar a tranqüilidade teológica, só poderiam ser aqueles que os teólogos encontravam nos seus contactos com a literatura culta da

época. Em geral, restringiam-se às questões de ordem filosófica. Era, de fato, dos arrabaldes da Filosofia que se levantavam as vozes mais ouvidas pelos teólogos. Elas refletiam as interrogações de pequena elite pensante centro-européia. Assim a Teologia acadêmica praticamente se reduzia a respondê-las. E nós, nos subúrbios da Teologia, repetiamo-las religiosamente, como se fossem os nossos grandes questionamentos.

Na Teologia acadêmica o grande ausente era o povo. As comunidades eclesiais concretas na sua pequena problemática de fé, surgida da vida real que levavam, não conseguiam chegar com sua voz até a soleira das Instituições Teológicas. Com isso, a seleção de problemas, de estilo, de modo de tratar os temas, se fazia em função do próprio mundo acadêmico e não visava à vida do povo, em cujo meio os estudantes deveriam preparar-se para trabalhar. Uma teologia acadêmica faz-se pouco sensível ao lugar social em que se ensina. Cria-se a sensação de estar-se num lugar soberano, onde os problemas sociais, as opções de cunho sócio-político nada influenciam. Com isso não se favorece criação de uma consciência crítica, seja em relação a leitura intra-teológica da Tradição, seja em relação ao contexto sócio-político em que se ensina a Teologia.

Tem-se vivido num nível bastante amplo uma crise generalizada do acadêmico. Entretanto, tem-se caminhado, muitas vezes, para uma banalização do ensino e não para uma reformulação mais radical dos defeitos fundamentais de tal tipo de ensino. A esterilidade do acadêmico tem sido confundida com o seu caráter científico. E a diminuição do grau de seriedade científica tem tido o duplo efeito negativo: continuar com as deficiências do acadêmico e reduzir a Teologia a um catecismo melhorado.

Finalmente, a Teologia acadêmica tem-se ensinado ultimamente dentro de Universidades Católicas. Na situação concreta que estamos vivendo em nossa pátria, isto tem trazido para a Teologia uma dupla limitação. Pesa sobre ela, o olhar de suspeita das Instâncias eclesiásticas e civis. Ambas exercem uma censura. Por isso, dificilmente a Teologia poderá exercer dentro da Universidade sua função crítica. Sente-se oorigada a inserir-se na estrutura clerical e civil da Universidade, com todas as limitações que isto hoje significa. Pertence a uma Instituição, que já não é mais um espaço do livre pensamento, da criatividade crítica, e sim simples lugar de socialização de conhecimentos produzidos para o melhor funcionamento do sistema. A Teologia tem sido levada de roldão nesta avalanche ideológica.

E não deixa de ser uma ironia ler que professores de Universidades de países socialistas lamentam a não existência da

Teologia em seu meio, porque ela teria podido ajudar a questionar seu universo ideológico e obrigá-los a caminhar. Perdeu-se com a sua ausência um elemento essencial de confronto espiritual. (25) E nós que temos tais faculdades, acabamos por reduzi-las a um simples estabelecimento comunicador de conhecimentos teológicos já acumulados e cuja veiculação não altera nada sob o ponto de vista crítico.

3. Superação de tal lugar

Superação não significa eliminação, mas ultrapassagem, procurando reter o construtivo do momento anterior e assumindo em síntese positiva novidades do atual momento. Vamos tentar na tríplice característica analisada encontrar o momento-síntese. Trata-se mais de uma tentativa, que participa da fragilidade de todas as prospectivas e sugestões. Naturalmente, muitos pontos a serem indicados aqui já vêm sendo realizados em diversos lugares com ritmos diversos.

Teologia seminarística

As ciências de comunicação chamam-nos a atenção para a importância do receptor em todo o processo produtivo e transmissivo de informações. Um primeiro passo para a superação da teologia seminarística é a abertura do curso a outros alunos de universo religioso e eclesial diferente. Tal fato exigirá da Instituição de ensino uma inserção dentro de um sistema não puramente eclesial. Os próprios alunos trarão exigências e necessidades diferentes, produzindo uma modificação na seleção e combinação dos elementos de conhecimento a serem transmitidos.

Mais. Faz-se mister uma modificação na própria compreensão e concepção da função do "seminarista" na Igreja. Não se trata de alguém, em primeiro lugar, comprometido com a Instituição e depois com o povo, mas o contrário. Seu compromisso fundamental é com o povo a ser evangelizado. E por causa do povo, existe a Instituição. Os interesses do povo são os decisivos para a sua formação. Não se deve auto-definir como alguém destinado à legitimação do Sistema eclesial, onde desenvolverá um papel burocrático, intra-sistêmico. Sua definição biográfica faz-se a partir de sua vocação para, de seu chamamento a dedicar-se ao povo de Deus. A própria fidelidade da Igreja só se pode entender à luz de seu compromisso com a missão evangelizadora, que recebera de Cristo. E Cristo mesmo auto-compreende-se em relação a nossa salvação. O Credo exprime tal perspectiva, ao dizer que o Verbo se encarnou "por causa de nós homens e por causa de nossa salvação". O mesmo se deve dizer de todo ensino da Teologia. Isto, se tornará exigência quando o mundo leigo, mais próximo aos problemas do mundo, se fizer mais

abundantemente presente, de um lado, e os clérigos sentirem-se eles mesmos mais ligados aos homens, aos seus problemas e comprometidos a prepararem-se para ser uma presença evangélica em tal meio.

Neste sentido, levanta-se o problema da conveniência ou não de que os seminaristas vivam em lugares que favoreçam tal inserção e proximidade com o povo. Ultimamente, tem surgido entre muitos grupos de estudantes clericais este desejo, recebendo, em geral, pouca compreensão de seus superiores. Cabem, aqui, algumas reflexões sobre tal assunto.

Primeiro. Se não se torna absolutamente necessário, pelo menos é altamente importante, que os alunos de Teologia tenham tido algumas experiências "populares". Isto quer dizer que antes de virem para a Teologia, deveriam ter tido a oportunidade de ter vivido junto ao povo mais simples, pobre, seja do campo, como das periferias urbanas ou aglomerados populares. Somente ao longo de um tempo de convivência que se conseguem captar os problemas. Visitas esporádicas em finais de semana ou férias com viagens pelas regiões pobres do país parecem não ser suficientes para uma verdadeira experiência popular no sentido de que falamos aqui. O objetivo de tal experiência é sensibilizar o aluno para toda uma problemática, que sua classe de origem e sua vida no seminário não possibilitam perceber. Para isso, é necessário um certo tempo, somente onde, no continuado contacto, os interesses e problemas vêm à tona. Esta experiência diuturna pode criar no jovem seminarista um vínculo afetivo e cognitivo com o setor popular, que lhe servirá durante a Teologia de prisma de seleção e combinação de conhecimentos. Pode dar-lhe também uma consciência nova e diferente dos problemas da vida.

Segundo. Se se conseguisse, seria melhor ainda que durante os estudos teológicos o seminarista continuasse e mantivesse um contacto com essas camadas populares. Supondo a experiência anterior, talvez bastasse para manter a consciência acesa um contacto, agora, reduzido aos fins de semana e férias. Seria um verdadeiro teste para a sua Teologia, seja questionando a seleção dos temas que os professores fazem, seja tentando encontrar uma maneira de tratá-los de forma mais adequada à mentalidade de nosso povo.

Terceiro. Talvez pudéssemos ir pensando em uma situação mais ideal, embora agora longínqua, em que professores e alunos fizessem juntos experiências populares, ou mesmo vivessem em condições mais próximas do povo, num processo contínuo de reflexão e revisão

de tais experiências. Somente assim a Teologia iria adquirindo um colorido mais local, encarnado, na seleção dos temas e na maneira de abordá-los. Talvez se pudessem no início promover algumas experiências anteriormente planejadas dentro de limites modestos, em que professores e alunos, depois de um período juntos em algum setor popular, tentassem elaborá-las em nível teológico. É conhecida a experiência que o P. J. Comblin acompanhou nas proximidades de Recife de um estudo de Teologia bem próximo aos problemas do homem simples daquela região. (26)

Quarto. Acho que qualquer mudança mais radical na "teologia seminarística", modificando-lhe o enfoque e a problemática, não virá dos professores. Em vão poderão os alunos ficar esperando que nós, os professores, transmitiremos em ensino de Teologia mais próximo da problemática popular, se eles não nos fizerem sentir suas exigências. A "mudança de lugar" dos seminaristas é mais decisiva para a mudança da Teologia que a dos professores. Serão eles, que, percebendo e sentindo os questionamentos oriundos de sua experiência popular, forçarão os professores a modificar suas perspectivas, levantando-lhes suspeitas, suscitando perguntas radicais. Elas não poderão ser respondidas com os velhos jargões teológicos e obrigarão os professores a repensarem a sua Teologia. Neste sentido, pesa sobre os alunos enorme responsabilidade na transformação do ensino da Teologia. Terão que fazer uma verdadeira auto-crítica de seu lugar seminarístico, no seu aspecto conservador e intrasistêmico. Parece-me que eles demitiriam de seu papel histórico e responsável, se ficassem à espera de que outros, os professores e burocratas acadêmicos, realizassem reformas radicais. A idade mais jovem com maior possibilidade de captação de problemas fâ-los mais aptos para provocar mudanças. Só a novidade modifica. E os mais "novos" deveriam perceber melhor a "novidade".

Quinto. No caso em que os professores fossem aqueles que, por uma conjuntura especial, tentassem realizar um ensino mais ligado à problemática popular e os alunos estivessem alheios a tal experiência, aconteceria um diálogo de surdos. Algo desanimador para qualquer professor e tudo acaba como antes. Não deixa de ser desolador a constatação de que em diversos lugares estamos assistindo ao fenômeno de jovens acomodados, reacionários mesmo, impedirem qualquer movimento de renovação. O fenômeno Lefèvre com seminários conservadores, ainda que não na sua forma heterodoxa, tem encontrado entre nós alguns ecos preocupantes. Transformam-se em rêmoras do processo de superação da teologia seminarística, tentando conservá-la fechada aos reais problemas do atual momento em que vivemos.

Finalmente, a superação da Teologia seminarística poderia ser favorecida por uma maior participação dos alunos na vida da nação, seja dentro dos canais já existentes, ainda que poucos, seja criando outros. Faz-se mister que os estudantes criem meios de participarem da vida do país. Isto os levará a sentirem-se pertencentes ao processo histórico da nação. Seus estudos não se desligam da realidade social presente. Por isso, tem necessidade de criar verdadeiro aparelho de conversa que os mantenha soberanos e não fechados ao pequeno universo cultural seminarístico. Não poderá faltar no seu ambiente cultural nem a leitura de literatura crítico-social nem a possibilidade de discussões inteligentes sobre a nossa realidade global. Somente assim poderão manter acesas suas consciências críticas e interessadas por uma realidade mais ampla que a problemática seminarística e acadêmica.

Teologia clerical.

No parágrafo anterior víamos mais a tarefa dos alunos na modificação e superação de uma Teologia seminarística. Neste dedicaremos ao papel do professor, a fim de que sua Teologia não se restrinja ao âmbito fechado do mundo clerical. Impõe-se para isso, logo de início, uma abertura dos professores para um diálogo interdisciplinar, máxime com as Ciências do Social (27). Mesmo que nesse empreendimento haja uma certa nostalgia do discurso unitário medieval, impossível de ser reconstruído, contudo pode ser enriquecedor na medida em que problemas, produtos teóricos de umas ciências são retomados por outras. A Teologia é antes de tudo uma instância à segunda potência. Retoma dados das Ciências humanas, das ciências naturais, e reelabora-os em seu nível próprio. Apropriados com seu modo peculiar de mediatizar os dados assumidos. No diálogo interdisciplinar haverá, sem dúvida, um enriquecimento da Teologia, mas também ela exercerá um papel positivo com sua contribuição específica sobretudo no plano da crítica a todo abuso dos respectivos interesses epistemológicos das demais ciências, em nome do interesse epistemológico transcendente, que lhe é próprio. Pesa-lhe a ameaça de ficar ligada a interesses clericais, dominativos, e assim perder sua característica de "interesse emancipatório", no sentido de que sua tarefa é pensar a fé que salva. (28).

Impõe-se nesse processo de superação do caráter clerical da Teologia um zelo pela liberdade acadêmica do corpo professoral, de modo que interesses alheios à Teologia não terminem por impor-se, seja através de uma auto-censura dos professores, como através de um controle institucional. Para que haja tal liberdade, faz-se mister que se crie clima para isso. Liberdade não é planta que nasce em

qualquer lugar. Precisa ser cultivada, sobretudo numa sociedade altamente coercitiva como a em que vivemos. O professor deve ser amigo da Instituição onde leciona, mas mais amigo ainda da verdade. Podemos ainda acrescentar, que mais amigo ainda do povo em função do qual o seu empenho pela verdade adquire sentido. Isto supõe que se torna importante para o professor maior consciência do lugar social da América Latina. A Teologia clerical, em geral, sente-se mais ligada ao lugar romano ou europeu, que ao lugar latino-americano. Voltando-nos mais para o nosso contexto social, poderemos desclericalizar a Teologia. Neste sentido, a abertura dos professores para a problemática da nação, no momento em que se vive, e para a Igreja local, pode tornar-se fator decisivo. Isto significará maior participação deles no nascer de movimentos e reflexões novas de nossa Igreja. Não deixou de ser auspicioso que os dois encontros Inter-eclesiais de Comunidade de Base, onde as bases se fizeram representar de maneira ampla e a hierarquia estava presente na pessoa de vários bispos, fossem acompanhados por séria reflexão teológica. (29) O mesmo pode-se dizer da presença de teólogos em temas cálidos de nossa atual realidade, como o problema da terra, religiosidade popular, etc... (30).

A teologia clerical era praticada na sua quase totalidade por pessoas do clero e em função da formação de clérigos. Acontece, entretanto, que muitos dos que, por diversas razões, deixaram o exercício ministerial, acabaram por abandonar também seu mister teológico. Com isso, a tarefa teológica se empobreceu. Impõem-se neste setor duas mudanças. Uma de cunho institucional, no sentido de que se criem clima psicológico e condições acadêmicas para o exercício do magistério teológico dos ex-clérigos. Outra mais profunda, que toca a própria intencionalidade do ensino da Teologia. Colocar como ponto central do ensino, não o preparar o aluno para a função clerical, mas para ser "cristão" com capacidade crítica na sociedade e Igreja em que vivemos, marcadas por enorme pluralismo.

Assim o jovem estudante de Teologia, seja na sua função clerical, seja como leigo, defrontar-se-á com problemas teológicos, oriundos desde o universo cultural mais popular de influência africana, ameríndia, e tradicional católica até aqueles mais sofisticados introduzidos pelas últimas correntes culturais européias ou norte-americanas. Todo esse conjunto constitui o nosso contexto cultural, para o qual preparamos os jovens, a fim de que possam pensar criticamente a fé cristã em tanta diversidade de horizontes.

Teologia acadêmica

Parece que se impõe o fato de que a Teologia deixe os redutos

provincianos dos seminários para ocupar uma tribuna aberta dentro das Universidades. Em nosso meio, tem sido uma conquista de data recente. ★Em geral, tem-se restringido ao âmbito das Universidades católicas, salvo o caso de Juiz de Fora, onde o Departamento de Ciências Religiosas tem sede dentro da Universidade Federal. Os elementos negativos que tal situação acadêmica poderia trazer para a Teologia, afastando-a da vida real da Igreja para encerrá-la dentro de uma recinto artificial e elitista das universidades, só poderiam ser superados numa ação conjunta entre professores e alunos. O elitismo acadêmico poderá ser contrabalançado por uma maior sensibilidade por parte de alunos e professores em relação ao popular, seja através de experiências ligadas ao povo, como através de seleção de leituras, campo de reflexão, estilo de escrever, escolha de temas, onde o elemento popular seja determinante.

Além do mais, o aspecto formal do "lugar de ensino", distinto do "lugar social" do fazer teologia, não pode tornar-se uma realidade em si, cultivado por ele mesmo, e sim deve ser questionado continuamente pelo lugar social. Aqui valem as reflexões que fazíamos da relação entre os dois lugares, mostrando, de um lado, a distinção, mas, do outro, sua íntima conexão. A superação do lugar acadêmico não se fará pela banalização e vulgarização do ensino, e sim pela seriedade, com que os temas reais da situação eclesial e popular são elaborados. Nesta tarefa, é importante e determinante a influência do "lugar social" latino-americano, em que nos situamos. Elaboraremos mais detalhadamente na tese seguinte, em que consiste tal lugar.

A Teologia acadêmica superará parte de sua limitação na medida em que não se contentar com uma função sistêmica, para assumir verdadeira função crítica, seja em relação ao sistema acadêmico em geral, seja mesmo em relação à realidade social (31). Para isso necessita manter vinculações reais com os problemas vivos da nação e da Igreja.

Numa palavra, a tarefa que o Papa João XXIII propôs ao Concílio Vaticano II de ser pastoral e ecumênico, vale aqui para o ensino da Teologia.

Pastoral quer significar proximidade com a consciência viva das comunidades eclesiais sobretudo as mais populares. Ecumênico vem a exprimir o aspecto de diálogo da Teologia com o universo cultural alheio ao puramente eclesial. A preocupação pastoral e ecumênica faz a Teologia acadêmica debordar de seus limites clericais (ecumênico) e institucionais (pastoral), lançando conexões com as bases e com os questionamentos de uma cultura e situação pouco eclesiais e eclesiásticas.

3ª tese: A nossa Teologia deve superar o lugar teológico europeu e situar-se no lugar latino-americano.

Nossa atenção volta-se nesta tese à produção teológica no contexto latino-americano, procurando elucidar-lhe o método, os condicionamentos, as relações com outros lugares sobretudo o centro-europeu e o romano. O termo "superar" naturalmente tem aqui um significado dialético, segundo o qual a Teologia latino-americana se compreende como um momento que se opõe, que nega a européia de um lado, e doutro recupera dela elementos para sua síntese própria e nova. Mesmo que nalgum momento o elemento antitético seja acentuado, caminha-se sempre para alcançar uma síntese que não perca as riquezas dos momentos anteriores. Uma pura e simples negação da Teologia européia é tão infantil e irreal, que não tem sentido, já que a cultura não se faz de saltos criativos do nada para o ser, mas de sínteses dialéticas de momentos histórico-culturais anteriores com a novidade de elementos presentes. Nada impede entretanto que na formulação de uma síntese nova, apareçam antes os elementos negativos e antitéticos em relação ao momento anterior, que o positivo da novidade. Talvez seja esta uma estrutura de nosso pensar histórico. Em todo caso, fique-nos claro que tentaremos descrever o lugar latino-americano dentro desse processo dialético, conscientes de que ele só é possível porque existiu antes o lugar europeu e que este continua exercendo sobre ele a força antitética provocativa, alimentando-o com sua rica tradição.

1. Descrição do lugar europeu

A Teologia européia quer responder fundamentalmente a uma pergunta básica: como um "homem moderno" e "pós-moderno" pode honestamente crer? Tem a fé cristã credibilidade diante de uma razão intelectualmente honesta, sem precisar negar-se como razão para crer? Honestidade intelectual e fé cristã (32), não é somente o título de um artigo do grande teólogo alemão K. Rahner, mas um programa teológico.

Isto significa que o mundo moderno levantou uma série de problemas graves em relação às verdades da fé e a seu significado, que ameaçaram a honestidade da razão no exercício da fé. Trata-se de um duplo desafio, que a Teologia européia tenta com gigantesco e maravilhoso esforço responder.

Primeiro desafio: como libertar a fé de todo dogmatismo, autoridade

arbitrária, sectarismo autoritário a fim de ser plausível para uma "razão moderna, autônoma, esclarecida"? A fé católica aparecia como um depósito de verdades cristalizadas, que todo fiel devia aceitar incondicionalmente, de tal modo que sua rejeição significaria a exclusão da própria Igreja. A rigidez dogmática soava friamente intransigente em fórmulas em que se anatematizava todo aquele que "disse que pode acontecer que se possa atribuir outro sentido aos dogmas propostos pela Igreja, por causa do progresso da ciência, diferente daquele que a Igreja entendeu e entende" (33). O clássico juramento anti-modernista exigia a que se aceitasse sinceramente a doutrina de fé recebida dos apóstolos e transmitida até nós pelos SS. Padres, com o mesmo sentido e sempre na mesma sentença, e que, portanto, se rejeitasse a invenção herética da evolução dos dogmas, que passa de um sentido para outro diferente daquele que a Igreja antes teve (34).

Doutro lado, o progresso das ciências, as descobertas históricas, a percepção da relatividade de muitos valores, a consciência histórica ameaçavam violentamente a estaticidade das afirmações dogmáticas. Esta consciência histórica torna-se provavelmente, a revolução mais importante que sofremos desde o aparecimento da era moderna. Caracteriza o homem contemporâneo sendo-lhe um privilégio e um fardo. É dado a este homem moderno ter uma consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de todas as opiniões. Acontece verdadeira revolução espiritual, sobretudo para os católicos, acostumados à fixidez dogmática (35). Diante desta consciência perplexa, os teólogos modernos tentaram libertá-la do peso de tal visão estática. Os dois grandes adversários: o erro e o mito. As duas grandes armas: a razão e a história. Vejamos como se deu a luta.

A razão travou a luta contra o erro, procurando recuperar uma inteligência das verdades de fé em compatibilidade com os dados da ciência. Nem sempre foi fácil. Desde os idos galileanos até os esforços teilhardianos, vivemos momentos difíceis. As ciências pareciam ir demolindo uma construção dogmática antiga, clara, até então segura de si. A inteligência teológica consumiu energias nesta tarefa. É inegável o merecimento da Teologia europeia na labuta de mostrar como dentro do quadro novo, delineado pelas descobertas científicas, continuava intacto o lugar da fé. A criação do homem, imediatamente por Deus, podia ser compreendida dentro de um horizonte evolucionista. O pecado original é compatível com a posição poligenista, cada vez mais aceito no mundo científico. Foram-se sucedendo novas tentativas de compreensão do dogma, em que o seu núcleo era conservado, repensado, dentro de outro quadro cultural.

A história foi iluminando as diversas e diferentes maneiras de escrever, falar dos homens. Progrediu-se muito na compreensão de textos antigos. Elaboraram-se teorias de interpretação literária, que, após um momento de hesitação, foram aplicadas aos próprios textos bíblicos, libertando-se de falsas compreensões. Desenvolve-se um processo de "desmitologização", sob o impulso do movimento desencadeado por R. Bultmann. A história entre em luta contra o mito.

A preocupação principal restringiu-se naturalmente ao campo da ortodoxia, procurando através de especializadas pesquisas e reflexões histórico-dogmáticas reter as verdades de fé em consonância com os dados da razão, da ciência, da história. Esforço de interpretação da tradição eclesial para a cultura moderna centro-européia, marcada fundamentalmente pela cientificização. De fato, a ciência representa o fator decisivo, a grandeza verdadeiramente determinante de nossa época (36). Uma fé que não pudesse ser pensada por uma cultura técnico-científica não teria nenhuma chance histórica. E a Teologia européia quis garantir à fé católica, enquanto pensamento, uma cidadania no mundo moderno.

Segundo desafio: como libertar a fé católica da falta de significado, de sentido, para um homem ciente e consciente da descoberta de sua subjetividade? Como falar a um homem, para quem a dimensão existencial se tornou fundamental, verdades objetivas? Como repetir um jogo de linguagem eclesiástico-dogmático alheio às experiências humanas do homem moderno?

Não se trata neste segundo desafio de responder a problemas de natureza mais intelectual, que as descobertas científicas e históricas provocaram. Não se interessa pela verdade objetiva em crise por causa das certezas científicas. Mesmo que se consiga provar que tal dogma é compatível com o pensamento moderno, pergunta-se pelo seu significado existencial, seu sentido para a nossa vida real, concreta. Temos uma fé ameaçada pela falta de sentido, e não mais pelo erro ou mito. O seu sentido obscurecera-se, ao tornar-se seu jogo lingüístico alheio ao mundo experiencial do homem moderno. Em termo simples, podíamos dizer que o homem moderno sente-se insensível, frio, intocado por muitas verdades de fé, sem levantar a mínima objeção contra sua objetividade (37).

A Teologia européia assume esta nova tarefa: recuperar o significado da fé. Mergulha-se no oceano da hermenêutica moderna. Tenta expressar a fé em categorias que falem à nova experiência do homem, sobretudo do após-guerra. Para isso, vai trabalhar com as filosofias mais em voga no momento. Freqüenta as filosofias da existência, a fenomenologia, o pensamento dialético. E passeia

mesmo pelo espaço marxista, até então considerado um tabu para o pensamento cristão. Naturalmente o existencialismo emprestou com generosidade suas categorias para uma verdadeira renovação teológica, com amplas repercussões pastorais. O estruturalismo e as filosofias da linguagem tem tido enorme influência nos escritos teológicos mais recentes. Querem redimir a Teologia da pecha de usar uma linguagem "in-sensata", inexpressível, incompreensível para o homem atual. Enorme esforço hermenêutico de recuperação de sentido para um sujeito, que se sentia alheio ao universo expresso pelas verdades dogmáticas. Numa linha de obra complexiva, o Novo Catecismo holandês significou um exemplo brilhante de tal tarefa. Tenta reinterpretar todo o conjunto das verdades fundamentais da fé católica dentro de um horizonte captável por um europeu médio e culto.

Ainda que sob um prisma diferente do primeiro desafio, contudo permaneceu-se dentro do mesmo campo da ortodoxia. Estava em questão a "reta doutrina". Válido ou deturpado era o trabalho teológico, na medida em que na sua reinterpretação conseguia ou não permanecer dentro da ortodoxia. Clássico foi o problema da "transubstanciação", em que teólogos holandeses quiseram formulá-lo com as categorias "transsignificação", "transfinalização", extraídas de outro contexto filosófico não tomista nem substancialista (38). Outro exemplo, quase extremo, foi o programa dos "teólogos radicais", que quiseram reler num horizonte secularista os temas centrais da revelação (39).

Resumindo, podemos dizer que a característica fundamental da Teologia européia é a ortodoxia, não no sentido rígido tradicional. Pelo contrário, quis salvá-la dessa pecha através de um gigantesco trabalho de reinterpretação do dogma, recuperando-lhe uma compatibilidade com as verdades científicas e um novo significado em relação à experiência do homem atual, em luta contra o dogmatismo, autoritarismo, falta de significação. A Teologia européia é verdadeira história da teoria. Mesmo quando aborda o tema da práxis, fá-lo teoricamente. A relação entre teoria e práxis na Teologia é vista a partir do pensar. Por isso, temos uma Teologia erudita, rica, exibindo trabalhos de pesquisa positiva e reflexões especulativas de alto teor. Acumulou nas últimas décadas riqueza enorme de dados, na busca de sempre novas interpretações das verdades de fé. Parte do pressuposto de que existe um "depósito de verdades", ou "um arsenal de significados", que temos de transmitir com honestidade intelectual e com acribia hermenêutica. Toca-nos interpretar, explicar, fazer significativos os elementos da tradição eclesial. Somos responsáveis pelo já dado, de modo que sem um esforço de releitura

perderemos uma riqueza enorme. Tenta-se, por isso, a criação de sempre novos "modelos de interpretação" dos problemas da realidade teológica. Numa palavra, a Teologia europeia trava luta aberta contra os inimigos da verdade e da falta de significado, que corroem a Tradição dogmática a ser conservada, criada, vivida eclesialmente (40).

2. Crítica do lugar europeu a partir de nossa realidade

A crítica faz-se a partir do tipo de interesses e desafios, que a Teologia europeia quis responder. Sua grandeza e seus limites vêm precisamente destes dois pontos. Como vimos no parágrafo anterior, o âmbito em que se moveu a Teologia europeia ficara restrito a problemas concernentes à verdade e à recuperação dos significados da fé para o homem moderno europeu. Este procurava na fé um sentido para a sua vida e esbarrava com a sua inteligibilidade. A sua vida no nível básico sócio-econômico era bastante satisfatória, e os grandes problemas desta natureza aconteciam, em geral, longe de seus horizontes de experiência. As contradições do sistema em que vive não se mostram tão claras, pois suas maiores repercussões e contradições se manifestam alhures. A libertação, que o europeu esperava da Teologia, é imanente à própria inteligência da fé, dando-lhe um sentido e explicação coerente e plausível para sua "razão iluminada" e para a sua sensibilidade existencial.

Esta Teologia deixa a realidade, nas suas contradições sócio-político-econômicas, intocável. Não se propõe a responder a seus desafios. Por isso, pode ser cultivada sem que assumisse nenhuma posição crítica diante das estruturas de opressão da sociedade moderna. Esta era antes vista como uma ameaça à verdade e ao sentido da fé. Na medida em que se conseguia continuar crendo dentro do mundo moderno, a Teologia julgava-se satisfeita com sua tarefa. Não questionava a sua prática em relação com as forças dominantes, geradoras ou mantenedoras das estruturas de injustiça. Pode desenvolver-se enormemente, ao lado de um sistema sócio-econômico gerador de tantas injustiças, sem que o questionasse.

A libertação que trouxe não coloca em questão a realidade social dos países onde se desenvolveu. Mostrou-se ineficaz para ler qualquer processo de transformação revolucionária. Antes, levantou mesmo uma suspeita contra ele, pela tremenda ameaça que pode trazer para o sentido da fé católica. A experiência histórica tem mostrado como tais processos tem acontecido em oposição à fé cristã. E uma reflexão mais profunda não foi levada a cabo para compreender o significado de tal oposição, suas raízes estruturais e histórico-conjunturais.

Por ser uma Teologia demasiadamente voltada para o problema do "sujeito", ameaçado na sua fé pelo progresso das ciências e pela carência de significado, escapou-lhe a dimensão social no nível prático. E quando se preocupava por problemas de natureza social era, antes, numa linha de recuperar-lhes um sentido para o católico, e não em perspectiva de uma práxis.

Um dos seus principais limites situa-se na consideração unilateral idealista do conhecimento como libertação. Liberta o homem do absurdo de uma realidade contraditória, injusta, carregada de contradições, sem entretanto encaminhar-se na linha da transformação desta realidade. Deixa-a intacta. Mostra o sentido profundo de liberdade que se pode viver mais plenamente dentro de uma prisão que fora de suas grades, sem que nada aconteça para que as grades reais sejam abolidas. Profundíssimas reflexões sobre a relação entre liberdade e graça, sem que nada se diga sobre situações onde a própria liberdade perde sentido, não por falta de significado imanente, mas simplesmente pela impossibilidade humana de viver sócio-economicamente. A violência de uma situação capitalista reduz a meras palavras um discurso que encobre a miséria real com uma libertação parcial da fé diante do erro, do mito, do sem-sentido teórico. Pois tal discurso teológico faz passar a solução de um problema real (libertação da opressão de condições materiais) ao plano ideal (recuperação de um sentido para a fé numa situação).

No aspecto crítico, a Teologia européia ficara reduzida seja simplesmente ao âmbito intra-eclesial, seja à sociedade moderna enquanto esvaziadora de sentido. Recuperando o aspecto positivo da fé em relação ao mundo parecia ter resolvido seu problema central. E o mundo continuava nas suas contradições violentas, onde um discurso positivo sobre ele poderia aparecer até uma ironia.

Pode-se levantar também uma crítica e suspeita ao interesse de tal Teologia. Não se trata tanto do conteúdo de suas afirmações, mas do uso que se fez com tais elaborações teóricas. Numa sociedade conflitiva, todo discurso que a deixa intacta, até mesmo distrai a atenção de suas contradições, acaba exercendo um influxo conservador. O "uso de tal discurso" termina por encobrir os verdadeiros problemas. Numa palavra: é um discurso alienante.

Um exercício de libertação "idealista", apesar de sus inúmeros elementos positivos para as pessoas envolvidas no rolo opressor do dogmatismo, pode servir num contexto global da sociedade a interesses conservadores. Deixando a realidade intacta contribui para que as pessoas a assumam com maior otimismo, onde talvez se devesse exercer uma crítica mais aguda e radical. É uma prática teórica que deixa o Sistema Global intocado, oferecendo na melhor

das hipóteses considerações de natureza reformista. Estas são por princípio confirmadoras do "status quo".

A Teologia européia voltou-se sobretudo para os problemas do homem, na sua singularidade, individualidade, como um ser angustiado diante de tantas ameaças vindas de uma sociedade em profundas transformações. Não se preocupou tanto pelas estruturas sócio-econômicas que estão na origem de situações de injustiças. Atendeu mais aos problemas do homem pequeno-burguês, sem enfrentar as contradições fundamentais de tal sociedade geradora deste homem.

Numa palavra, a Teologia européia é menos sensível ao lugar social do teólogo, aos interesses que seu discurso poderá estar objetivamente servindo do que ao "lugar epistêmico". Por isso, a Teologia se limitou sobretudo a seu papel explicativo e recuperador de sentido das verdades dogmáticas. Sua repercussão sobre o sistema social ficava entregue à análise de sociólogos, como se não fosse problema dos teólogos. Atribuía-se qualquer resultado que fosse à manipulações de interessados. Pairava supremo o interesse da verdade. Esquece-se entretanto que esta verdade acontece dentro de uma realidade concreta e se faz justiça ou injustiça. E isto, além de ser um problema ético, é também teológico. Não existe um interesse puro pela verdade como tal, sem que se concretize dentro do jogo de outros interesses que não podem ser esquecidos. Remetemos aqui às considerações anteriores sobre a relação entre os lugares social e epistêmico.

3. Superação do lugar teológico europeu pela constituição do lugar latino-americano.

Não há superação sem conhecimento da própria realidade. Não há superação sem reconhecer a partir de onde deve ser feita. A superação do lugar europeu por nossa Teologia requer necessariamente uma tomada de consciência de sua relação e partir daí tentar ultrapassagem. Não é através de um desconhecimento e rejeição afetiva que se consegue relacionar-se criticamente. O desconhecimento e o não-reconhecimento apenas servem para que as realidades continuem agindo, só que de modo incontrolável, não consciente. Neste caso muito mais perigoso, pois fica fora de nosso alcance crítico.

O primeiro passo consiste em reconhecer que o nosso lugar teológico em relação ao europeu é culturalmente dependente, periférico, reflexo. Vale da Teologia, o que o P. Vaz dizia da Igreja latino-americana. É uma Igreja-reflexo enquanto que a Igreja européia é Igreja-fonte (41).

Temos uma Teologia-reflexo diante de uma Teologia-fonte. Somos um lugar periférico diante da metrópole e centro-europeu, romano (e eventualmente americano). Um lugar periférico só pode ser entendido em relação à metrópole. O primeiro passo supõe um duplo momento: saber-se um lugar dependente e, através de uma atitude crítica interna, tentar ultrapassá-lo. Não se faz saltando, negando, revoltando-se contra ele, numa atitude de inconsciência. Toda ruptura se faz por dentro.

Isto significa que o teólogo latino-americano deve conhecer a tradição européia a fim de perceber o alcance de sua dependência. Deve superá-la, no sentido dialético hegeliano passando por ela, mas não detendo-se nela. Portanto, seria abdicar da tarefa do teólogo latino-americano o duplo extremo: desconhecimento da Teologia européia ou sua mera repetição. A ignorância vai levá-lo a repetir sem saber que o está fazendo, portanto, sem dados críticos necessários para uma atitude madura de independência. Repetir conscientemente o "último grito" europeu, numa atitude snóbica, significa alienação, e irresponsabilidade histórica. Nossa tarefa é de pensar a vida da comunidade eclesial de nosso continente. É diante dela que assumimos responsabilidades. Traímos a esta, se lhe impingimos uma série de questões alheias às suas necessidades.

Cabe-nos descobrir nossa originalidade teológica em relação ao lugar central, ainda que seja simplesmente de modo embrionário e em contraposição. Todo momento de nascimento supõe ruptura do cordão umbilical. Pode ser doloroso e mesmo traumatizante. Faz-se necessário para que a nova vida caminhe com seus próprios meios. Não será mais carregada pela mãe, e sim firmará nos seus pés para andar. Ajuda tal superação uma pesquisa histórica como de fato a *Teologia importada foi praticada no Brasil*. Não basta repetirmos que somos um lugar periférico, reflexo. Tais frases poder tornar-se jargões de cunho entreguista ou xenófobo. Fundamental é determinar como historicamente tal prática dependente se concretizou. Quais os veículos? Quais as causas determinantes? Que fatores estruturais e conjunturais favoreceram tal dependência? Que ideologia presidiu a tão longa dominação? da parte de Roma? da parte do centro-europeu? Que conseqüências trouxe para nossa Teologia e Igreja?

No nível acadêmico, certamente exerceu enorme influência o "modelo de Teologia da Universidade Gregoriana", onde a maioria dos professores e teólogos latino-americanos até certo tempo faziam seus estudos ou pelo menos sua láurea. Acrescente-se a criação dos dois Colégios: Pio Latino-americano e Pio Brasileiro, e mais recentemente do Colégio Mexicano. De certo, estes colégios tornaram-se de certo modo, juntamente com o estilo gregoriano, um modelo para os nossos seminários e currículos de estudo. Em muitos casos, os

próprios livros de texto da Universidade Gregoriana eram usados no Brasil. O sistema do "cursus maior" (curso em ordem aos graus acadêmicos), "cursus minor" (curso sem direito aos títulos) implantou-se no Brasil de tal modo que a maioria (quase totalidade) dos seminários copiava o "cursus minor" e algumas faculdades se reservavam o "cursus maior". Mais. O "cursus minor" não passava de uma diluição do "cursus maior", usando textos mais resumidos e menos exigentes. Não se tratava de uma perspectiva diferente. Todos se colocavam na mesma linha acadêmica, variando somente o nível de exigências científicas.

A Teologia do Brasil pode-se dizer filha do "cursus minor" na sua maioria. A maior parte dos seus estudantes faziam tal curso e muitos professores se preparavam para continuá-la. Havia um nivelamento por baixo. Isso fazia com que o nosso lugar continuasse ainda mais dependente. O ensino ligado à língua latina serviu também para manter esses elos de dependência. Os manuais eram escritos na Europa e usados no Brasil, sem um mínimo de adaptação. Aliás, até nos orgulhamos de possuir os mesmos manuais europeus, numa nítida consciência de dependência.

Conhecendo os mecanismos que nos retiveram em dependência em relação à metrópole cultural, podemos obviá-los criando outros diferentes em vista de maior autonomia cultural.

Evidentemente esta prática teológica dependente leva a um mal-estar pastoral generalizado. Se na própria Europa, no período das entre-guerras, surgiu em Innsbruck um movimento querigmático, criticando como pastoralmente ineficaz o então sistema escolar teológico (42), com muito maior razão tal ensino se mostrava inadaptado às nossas condições sócio-culturais. Uma pesquisa rigorosa sobre a nossa prática pastoral nas últimas décadas viria ajudar imensamente a este duplo passo de um maior conhecimento das causas de nossa dependência, seus mecanismos geradores e de uma crítica interna de tal processo a fim de superá-lo lúcida e conscientemente. Em tais estudos não podem faltar análises referentes aos condicionamentos sócio-político-econômico-culturais que estão à base de toda dependência. A teologia é um setor diminuto da imensa e complexa situação de dependência global de nosso continente. Por isso, somente dentro de um quadro mais amplo poderemos entender o caráter reflexo e periférico de nosso pensar teológico.

Um segundo passo consiste em elaborar positivamente nossa originalidade latino-americana. Para isso, teríamos que conhecer melhor os nossos condicionamentos sócio-político-econômicos, eclesiais, culturais com suas conseqüências para a prática teológica. Não é possível uma originalidade da prática teológica com desconheci-

mento dos atuais condicionamentos que a determinam, limitam, desafiam. A determinação desses condicionamentos nos dará um quadro de qual seja realmente o nosso lugar latino-americano, brasileiro. Nesta reflexão, procuraremos descer a elementos que nos dizem respeito enquanto Brasil, outros, porém, serão comuns ao continente.

Condicionamento sócio-político-econômicos

Naturalmente não se trata aqui de descrever e analisar os atuais condicionamentos sócio-político-econômicos. Chamaremos atenção, em forma extremamente concisa, para alguns pontos que merecem nossa consideração em relação à nossa prática teológica. Vivemos num sistema neo-capitalista de periferia, concentrador, dependente e associado, com tudo que isto significa de conseqüências. O sistema político burocrático-autoritário restringe altamente os canais de participação, seja no nível de deliberação como no nível de decisão. Sistema, portanto, profundamente excludente. (43). Cada vez mais, os teólogos deverão conhecer os modelos econômico e político, que determinam toda a vida do país, e que devem ser levados em consideração numa elaboração teológica. A CRB-Nacional desencadeou um processo de reflexão sobre a realidade do país, Igreja e da Vida Religiosa neles oferecendo um instrumental prático, simples, mas muito útil. Através dele, poderemos fazer uma idéia por onde anda nossa compreensão da realidade brasileira (44).

Cada dia fica mais claro o papel preponderante que está ocupando entre nós a Ideologia da Segurança Nacional. No "Comunicado pastoral ao Povo de Deus", os Bispos da Comissão Representativa da CNBB de 25 de outubro de 1976 observam como "pensamento que inspira a doutrina da Segurança Nacional, a qual desde 1964 tem inspirado o Governo Brasileiro, dando origem a um sistema político cada vez mais centralizado e, em proporção, cada vez contando menos com a participação do povo"... "A ideologia da Segurança Nacional colocada acima da Segurança Pessoal, espalha-se pelo Continente latino-americano, como ocorreu nos países sob domínio soviético..." (45). É o primeiro documento de Igreja de certa monta em que se aborda diretamente tal temática. Profundamente determinante em toda prática teórica, deve, por isso, ser encarada com toda seriedade pelo pensamento teológico latino-americano (46).

Em íntima conexão com o modelo econômico, e político, inspirado e justificado pela Ideologia de Segurança Nacional, criou-se um clima de apatia e desprestígio do "político" de um lado, e de outro de repressão sobretudo no meio estudantil, operário e intelectual. Além de uma vigilante e ativa censura, controlada pelos órgãos

repressivos, os próprios políticos, estudantes, intelectuais, escritores se impuseram, consciente e inconscientemente uma não menos vigilante auto-censura. Com isso o elemento de criatividade, fruto sazonado de clima de liberdade, se reduz. Fica-se preso a um nível de reflexão alheio aos problemas mais mordentes da realidade.

Tais análises dos nossos atuais condicionamentos vem-nos revelar a diferença da presente situação da Teologia da Libertação da de seus primórdios, na primeira metade da década de 60. Houve uma enorme modificação quanto ao clima de liberdade, dentro e fora da Igreja, às possibilidades e esperanças de mudanças mais radicais de estruturas. Isto quer dizer que a Teologia da Libertação da segunda metade da década de 70 será bem diferente, perdendo um cunho juvenil e arrojado, que teve nos seus inícios, para situar-se mais realisticamente num continente sob o domínio da Ideologia da Segurança Nacional vigilante e bem implantada. Entre uma teologia irrealista, suicida, de um lado e acomodada em atitude de capitulação, do outro, deverá encontrar um caminho crítico e de esperança no seu paciente movimento histórico (47). Desconhecer tal mudança dos inícios da Teologia da Libertação para nossos dias poderá ter como efeito a produção de uma Teologia desvinculada das transformações sociais que está sofrendo nosso continente e nutrir ilusões perigosas e frustantes.

Condicionamentos eclesiais

Parece que o condicionamento mais determinante no nível eclesial é um lento processo de afastamento da Igreja das forças dominantes, com que até então estava em íntima aliança. Num momento de clarividência, o episcopado latino-americano em Medellín encarou de frente a acusação que se lhe fazia e se faz de "ser rico e aliado aos ricos", não se eximindo de culpas passadas, mas propondo-se a "traduzir o espírito de pobreza em gestos, atitudes e normas que transformem a Igreja num sinal mais lúcido e autêntico do Senhor" (48). "A pobreza da Igreja e de seus membros, na América Latina, observa Paulo VI, deve ser sinal e compromisso. Sinal de valor inestimável, do pobre aos olhos de Deus; e compromisso de solidariedade com os que sofrem" (49). De lá para cá tem crescido por parte das diferentes Igrejas de A. Latina uma atitude de descompromisso com as forças dominantes, para estar mais perto do povo pobre, humilde, explorado. Os bispos não temem mais dizer que "côncios das freqüentes omissões e desacertos, ao longo da história de nossa Igreja no Brasil, sentem-se impotentes e intimidados frente a tão grande tarefa" da libertação do povo. Reconhecem com espírito de verdadeira humildade e penitência, que a Igreja, nem sempre, tem

sido fiel à sua missão profética, ao seu papel evangélico de estar sempre ao lado do povo. Quantas vezes, envolvida nas malhas da iniquidade, que está também neste mundo, a Igreja tem feito o jogo dos opressores, tem favorecido aos poderosos do dinheiro e da política contra o bem comum, sob máscaras enganadoras, por ingenuidade ou cavilação, numa triste deformação da mensagem evangélica. Mas a Palavra Ihe é enviada a cada hora do seu existir, para que se arrependa, para que se converta, para que volte "ao seu fervor primitivo" (cf. Apoc 2,4) (50). Este texto significa claramente este deslocamento que se está processando dentro das Igrejas. E as forças dominantes não se fazem esperar com suas reações. Basta ler as tremendas campanhas de certos periódicos representantes dos interesses das classes dominantes. Não deixa de ser sintomático, que, em imediata reação ao recente documento da Comissão Representativa, Comunicação Pastoral ao Povo de Deus de 25.X.1976, as "Entidades de classes empresariais" do piedoso e catolicíssimo Estado do Ceará enviam um telegrama ao Presidente onde dizem que "tem a satisfação de manifestar seu veemente repúdio aos conceitos e idéias expressas na comunicação pastoral da CNBB, que representam uma grave injustiça contra o governo honrado e patriótico de V. Excia..."(51). Seria longo enumerar exemplos de tais conflitos e que tem surgido entre a Igreja e os defensores de interesses das classes dominantes, seja a imprensa, como classes empresariais, ou representantes do Governo ou Forças de Segurança (52). Dentro deste contexto cabe um estudo mais analítico da atuação e significado teológico-ecclesial da CNBB nos 20 anos de existência com os seus "planos de pastoral" e atuação no conjunto da realidade brasileira.

Trata-se de um lento processo, que tem suas próprias contradições. Há outras vezes eclesiais não só a-críticas diante do quadro sócio-político-econômico, como terminam por reforçá-lo. Naturalmente esses setores eclesiais vão comportar-se em relação à Teologia no mesmo nível de oscilação que sua consciência diante da realidade, sobretudo diante de uma reflexão teológica cada vez mais relacionada com a problemática social. Este tipo de Teologia, comumente chamada da Libertação, encontra-se entre dois riscos em relação à situação inter-ecclesial: destruição ou esvaziamento. A eliminação de tal modo de fazer Teologia pode ser feito, desde a modo de caça às bruxas até usando maneiras mais sutis de levantar suspeitas. O esvaziamento acontece, seja através de um abuso do termo "Libertação", para todo tipo de realidade, como por uma recuperação intra-sistêmica reformista dos verdadeiros propósitos libertadores (53).

Outro condicionamento eclesial importante são os mais diferentes movimentos, que estão surgindo no seio da Igreja, sobretudo a

partir do Concílio Vaticano II. Em geral, apresentam um caráter espiritualista e individualista (54). Sua relevância é tanto maior quanto estão requisitando as melhores forças vivas da nossa pastoral e reflexão espiritual. Além do mais, a esses movimentos se associam experiências espirituais do Espírito Santo. Enorme literatura de diferente valor, tem inundado o mercado teológico.

Ultimamente tem ocupado as preocupações teológicas dois fenômenos de largo alcance: as comunidades eclesiais de base e a religiosidade popular. Não se pode entender o lugar latino-americano, prescindindo de tudo que significam esses dois fenômenos, com as esperanças e ilusões, que encerram.

Condicionamentos culturais

A Teologia europeia responde à problemática de uma ampla classe de cultura média e superior. Há uma certa homogeneidade de interesses e questionamentos. A nossa Teologia, por sua vez, encontra-se diante de um enorme pluralismo, que se manifesta na diferença das tradições, de que as camadas do povo são devedores. Olhando somente sob o aspecto de cultura religiosa, podemos descobrir vivas no nosso povo tradições remontando ao catolicismo milagreiro, penitencial dos portugueses colonizadores, ao catolicismo tridentino dos jesuítas e dos bispos reformadores do século passado e de tantos que continuaram este movimento através de pregações, retiros, confrarias, pias associações, ao catolicismo renovador do Concílio Vaticano II, com certo caráter existencial e secularizante, ao catolicismo sincreticamente impregnado de tradições africanas e ameríndias, ao catolicismo crítico-social de recente data (55).

Os outros condicionamentos culturais não religiosos são também de enorme pluralidade. Não podemos desconhecer a influência africana, ameríndia, ibérica, centro-européia, americana. Uma história cultural de nossa pátria iria mostrando os momentos de maior presença, ora de um tipo de cultura, ora de outro. Os meios de comunicação de massa tiveram em nosso país um enorme incremento na última década. Hoje os canais de TV quase cobrem todo o território nacional. O transístor invadiu os rincões mais distantes. Vários movimentos de educação de base vieram à luz nos últimos 20 anos, alimentados por ideologias diversas.

Conseqüências de tais condicionamentos para a prática teológica

Esta indicação sumária, salpicando alguns elementos impor-

tantes de nossos atuais condicionamentos, visa a mostrar que a Teologia latino-americana quer estabelecer uma relação diferente com a realidade. A Teologia européia institui uma relação com a práxis pastoral sobretudo a partir de uma libertação da verdade e do significado dos dados revelados. A Teologia latino-americana descreve o percurso: práxis - teoria - práxis. Surge de uma práxis vivida num processo de libertação no meio da conflitividade. Tenta ler tal práxis à luz da positividade da fé, para retornar de novo a uma nova práxis. Neste sentido, é-lhe fundamental e imprescindível o conhecimento dos condicionamentos sociais de sua prática teórica.

A Teologia européia coloca-se na linha de responder os desafios que a ilustração lhe impôs de pensar com honestidade intelectual a fé. A Teologia latino-americana pretende responder a outra vertente da ilustração: como fazer a fé cristã crível num processo de transformação da realidade? Que a fé diz à práxis transformadora, libertadora? Que a práxis diz à fé cristã? A Teologia latino-americana pretende ser uma resposta a esta dupla pergunta. Surge precisamente a partir desta exigência. Uma opção ético-política, iluminada pelo horizonte de fé no qual o cristão vitalmente se move, diante de uma realidade lida na sua conflitividade injusta, surge como exigência da fé e engaja o cristão (56). Dentro de tal compromisso vivido através de sempre novas decisões, é-lhe exigido pensar sua fé, que, por sua vez, volta a iluminar-lhe o agir. É o processo dialético constitutivo do lugar teológico latino-americano.

É uma Teologia que quer participar do processo de libertação da realidade social na sua função própria de prática teórica e teológica. Antes de tudo, de um modo negativo, faz-se vigilante para não ser envolvida ideologicamente numa prática conservadora, confirmadora e legitimadora do "status quo".

Positivamente, insere-se, com sua contribuição específica, extremamente modesta, no processo global de libertação que inclui uma série enorme de diferentes práticas. O termo, aliás pomposo, de Teologia da Libertação, pode levar facilmente a equívocos, pensando que cabe à Teologia a tarefa de organizar, realizar a tarefa libertadora nos setores social, político, econômico e cultural. Cada um desses setores tem suas práticas teóricas e suas concretizações próprias. A Teologia da Libertação restringe-se ao campo da fé. O seu elemento específico é apropriar-se de categorias, de dados tirados das Ciências do Social, lendo-os à luz da Revelação, em contacto com as Escrituras cristãs. Desta operação surgirá um produto teológico. Os dados sócio-analíticos são oferecidos pelas Ciências do Social. A mediação hermenêutica instaura um corte epistemológico trabalhando os dados interdisciplinarmente assumidos na produção de um elemento teológico novo. Já é a fé que fala, onde antes eram as

ciências humanas. São outras categorias que entram em jogo. Institui-se uma outra leitura.

A Teologia latino-americana distingue-se da européia pela preferência que tem por uma interdisciplinariedade em relação às Ciências do Social, enquanto que a européia trabalha mais com categorias da Filosofia. Em certo sentido, pode-se dizer que a Teologia da A. Latina amplia sua relação com as Ciências humanas (57). Além disso, procura ser sensível e aberta à perspectiva sapiencial do nosso povo. Neste sentido procura superar por dentro o elemento de orgulho da Ilustração, com uma super-exaltação da razão, seja teórica, como prática. O povo pode ser questionador de tal supremacia, quando através de sua sabedoria oferece ricos elementos para um repensar da fé e da práxis libertadora (58).

Mais. A Teologia latino-americana quer inverter o antigo percurso colonial que estava acostumada a fazer. Partia da Europa para nosso continente e gerava dentro uma dependência, que nos fazia continuamente voltar para a Europa. De lá vinham os livros, lá se formavam os professores, de lá se originavam os problemas a serem discutidos aqui. Vivia-se continuamente indo e voltando. Agora tenta estabelecer o percurso contrário. Daqui parte a pergunta. Para cá se elabora a resposta. O momento europeu é intermédio. Antes era o inicial e final (59).

Resta ainda um último problema importante. Que unidade e pluralismo são viáveis dentro da Teologia Latino-americana? Será que ela tem algum nível de imprescindível unidade dentro de um pluralismo coerente? (60).

quanto à unidade

Um ponto se firma como comum à Teologia latino-americana: ser uma prática teórica que se inova no contexto global da libertação no interesse dos mais pobres, sem voz, oprimidos. De modo nenhum, pode ser uma Teologia que venha justificar, legitimar uma situação de opressão. O seu interesse e seu objetivo tem de ser a libertação dos oprimidos. Uma libertação que acontece na linha da práxis e não simplesmente libertar a verdade do erro, do mito, da falta de significado. É uma opção prévia, feita dentro do horizonte geral da fé em que se move o teólogo, a partir da simples constatação de uma situação de injustiça. Há, portanto, uma unidade no interesse e no objetivo que move a produção teológica. Numa palavra, é uma Teologia que não quer permitir que seja usada de modo reacionário, legitimador de uma situação de injustiça. Quer contribuir com sua prática para o processo libertador dos oprimidos.

Um segundo ponto vai ganhando maior unidade: uma opção

metodológica de partir da práxis em vista da práxis. Isto implica uma preferência pelas mediações sócio-analíticas na sua elaboração teórica. É evidente que na escolha das mediações surgem diferenças devido a tomadas de posição prévias sobre os pressupostos das teorias sócio-analíticas. Em tal ponto, torna-se, por conseguinte, impossível uma unidade de pontos de vistas.

quanto ao pluralismo

Antes de tudo, há uma enorme diversidade no receptor da Teologia, isto é, aquele a quem ela se dirige. A nossa realidade oferece uma gama imensa e variada de grupos culturalmente diferentes. De certa maneira, a Teologia deve conseguir falar a todos eles, pensando os problemas que levantam. Isto vai exigir um pluralismo de temas, de estilo teológico, de tonalidade. É a influência que o destinatário exerce na produção da teologia.

Há também uma diferença e pluralidade que vem do lugar do próprio produtor. Mesmo a partir dos mesmos interesses, objetivos e método predominante na Teologia latino-americana, o teólogo pode situar-se num lugar cultural popular ou acadêmico. Teremos então duas teologias bem diferentes, servindo aos mesmos objetivos. A diferença mostrar-se-á sobretudo na maneira de elaborar e exprimir os temas. As exigências dos dois lugares são diferentes. O rigor científico no manuseio do instrumental teórico não tem o mesmo grau de exigência, ainda que se mantenha num nível de seriedade quanto à especificidade da prática teológica. Não se pode confundir teologia com qualquer discurso religioso, como vimos em parágrafos anteriores.

Há uma diferença também no lugar eclesial: clerical ou leigo. Pluralismo que é benéfico para a Teologia. No presente, ainda estamos, em nossas regiões, às voltas praticamente com Teologias feitas por pessoas do clero ou outrora pertencentes a ele. Uma Teologia verdadeiramente leiga está para nascer, sobretudo em sua forma elaborada. Podemos falar de uma literatura que está surgindo nas comunidades de base de origem leiga. Falta-lhe ainda uma estruturação teológica. Evidentemente que o termo teológico pode ser ampliado de tal maneira que considere qualquer reflexão sobre a realidade da comunidade eclesial à luz da Revelação como Teologia. Podemos entretanto restringir o termo para uma elaboração que siga as regras internas da prática teórica. Neste último sentido, o lugar eclesial leigo ainda não começou a ser produtor de Teologia, por muitas razões estruturais e conjunturais, e não cabe aqui avançar tal questão.

Enfim, há uma pluralidade em relação com a práxis libertadora. Cada lugar vai influenciando de modo mais decisivo na produção

teológica. De maneira didática, podemos distinguir três modelos de compromisso com a práxis libertadora:

Primeiro: compromisso epistêmico. Consiste numa opção dentro do campo teórico, no interior mesmo da prática teológica. Isto significa que o interesse pela libertação determinará a maneira de fazer Teologia. A própria prática teórica é concebida como prática social. Luta-se no front teórico do processo de libertação. Restringe-se ao puro trabalho intelectual, teórico, mas orientado em vista da libertação, sem que entretanto se assuma algum compromisso concreto, exceto dos decorrentes da opção teórica pelos interesses dos oprimidos. Tal conversão epistêmica traz conseqüências para a escolha dos problemas a tratar, do estilo de fazê-lo, da maneira de conduzir todo o processo teológico.

Segundo: procura-se viver em sistema de alternância entre uma prática libertadora com uma prática teórica. De um lado, participa-se de experiências concretas do processo de libertação, onde a fé é pensada, refletida, questionada e questionante. Doutro lado, vivem-se períodos dedicados a uma pura prática teórica distanciados da experiência anterior, para num momento ulterior voltar a tal experiência.

Não se processa uma mudança de "lugar" físico para onde se dão as experiências de povo, de práxis pastoral libertadora. Isto acontece somente em certos períodos. Nos outros, o teólogo permanece no seu lugar acadêmico, cercado dos recursos que somente uma situação privilegiada lhe pode fornecer.

Terceiro: parte-se de modo radical para viver junto ao povo assumindo uma práxis de libertação. Aí dentro, com toda a fragilidade e pobreza de meios que tal lugar implica, procura produzir sua Teologia. Para fazer conversão necessária do lugar do "intelectual" para o do "povo", do lugar do mesmo para o lugar do outro, processa-se a uma mudança física, a fim de que a epistêmica seja fortificada, garantida, e não regrida. Implica tal conversão de lugar, uma outra, que afeta os próprios meios de ação, de produção teológica. Com esta dupla conversão, busca-se superar a tremenda "lógica" de qualquer tipo de elitismo, que tenta recuperar e eliminar a alteridade, o diferente. Como na base da opção está assumir o processo de libertação, não como uma imposição de fora, mas como nascendo dialeticamente da relação povo-intelectual, no caso, teólogo, a conversão de lugar e de meios quer evitar as maneiras subreptícias de manipular o povo. Será, portanto, uma Teologia altamente comandada pelos interesses do povo a ser libertado, com

profunda sensibilidade e delicadeza para com tudo que nasça do povo (61).

No mundo marxista, tem-se refletido muito sobre o papel do intelectual num processo de transformação da realidade (62). Falta-nos na Teologia, uma reflexão sobre que tipo de compromisso e serviço se espera do teólogo na grande tarefa libertadora da A. Latina. Haveria muitos pontos importantes que ficam à espera de uma reflexão mais aguçada. Até que ponto o elemento de fé lhe dá ao teólogo uma possibilidade de continuamente criticar e rever seu lugar social, e colocar-se sempre num processo de libertação, sem que isto signifique uma mudança física de lugar? Até onde os dons que recebeu, cultura, carismas, graças, não o constituem em "elite" no sentido manipulador e opressor? Que revisão cultural axiológica lhe é pedida em relação a "superioridade" de conhecimentos, dons, talentos, recurso, e que, em muitos casos, nunca conseguirá renunciar, a fim de que num trabalho junto ao povo não se torne dominador?

CONCLUSÃO

A melhor prática é uma boa teoria. Entretanto, a melhor das teorias cairia no vazio se não se concretizasse. A teoria da Teologia latino-americana está sendo estudada em inúmeros trabalhos (63). É tempo já de praticá-la. Estas reflexões quiseram colocar mais um elemento teórico a fim de explicitar os pressupostos da prática teológica latino-americana. Pareceu-nos sobretudo importante distinguir a prática teórica do ensino e da produção teológica como tal. Muitas inquietações no meio dos estudantes de teologia, certa insegurança da parte de professores, podem provir de uma mescla de interesses e de objetivos diferentes, que presidem ao ensino e à elaboração da Teologia. Uma maior clareza entre a especificidade de cada lugar de um lado, e do outro, sua conexão, contribui para iluminar ambigüidades.

O centro de nosso trabalho voltou-se para definir e explicitar qual deverá ser o lugar de ensino da teologia mais adequado às nossas condições, superando o clássico "lugar tridentino", com sua tríptica característica seminarística, clerical e acadêmica. Nesta tarefa cabem a professores e alunos diferentes e importantes atribuições. A omissão de um dos dois corpos impedirá, sem dúvida, a constituição de um lugar de ensino no Brasil, original, apropriado ao nosso contexto sócio-cultural, numa linha de resposta dos problemas da nossa pastoral.

O lugar de ensino deverá ser continuamente enriquecido pela

contínua produção de uma Teologia nativa. Do contrário, será uma tribuna de idéias estrangeiras. Este lugar latino-americano se define sobretudo em relação ao europeu, como mais voltado para a práxis. O interesse central é a libertação da realidade. E a prática teórica teológica quer ser um elemento em tal processo. A Teologia européia centra-se sobretudo no resgate e recuperação da verdade de fé, ameaçada pelas descobertas científicas e pela insensibilidade existencial do homem moderno diante de seu significado para a vida. Ambas estão a serviço do Reino. Aqui sentimos o Reino de Deus em sua relação dialética com a história, lugar da ambigüidade, onde graça e pecado, libertação e opressão se defrontam. A prática teológica latino-americana pretende ser vigilante para não confirmar, sem sabê-lo, uma situação de opressão e pelo contrário, oferecer sua contribuição específica, ainda que pequena, na construção do Reino da Justiça e da fraternidade entre os homens.

NOTAS

- (1) J. Hortal, *Catolicismo brasileiro hodierno: posições e tendências em: Diversos, Desafio às Igrejas, Diálogo ecumênico em tempos de mudança*, Ed. Loyola - Ed. Sinodal, São Paulo - São Leopoldo 1976, pp. 29-48. J. Comblin, *História da Teologia Católica*, Herder - S. Paulo, 1969, 125-136.
- (2) G. Bachelard, *La formation de l'esprit scientifique*, J. Vrin, Paris, 1972, 8ª ed. 13-22.
- (3) F. Vanderhoff, *La Epistemología moderna y la Problemática Teológica actual*, em: *Encuentro Latinoamericano de Teología, Liberación y Cautiverio*, México, 1976, pp. 281-291.
- (4) A. Görres, *Pathologie des Katholischen Christentums*, em: *Handbuch der Pastoraltheologie, II/1*, Herder, Freiburg 1966, pp. 277-343.
- (5) M. de Certeau, *Faire de l'Histoire*, em: *Ouv., coll., J. le Goff - P. Nora, ed.*, Paris, Gallimard, 1974, pp. 4, 12, 15-16.
- (6) L. Althusser, *Marxismo, Ciência e Ideologia*, em: *Marxismo segundo Althusser*, trad. bras., Sinal ed., São Paulo, 1967, pp. 24s.
- (7) L. Althusser, o. c. p. 24.
- (8) M. de Foucault, *A Verdade e as Formas Jurídicas*, *Cadernos da PUC, Série Letras e Artes 06/74*, PUC, Rio de Janeiro 1974, pp. 5-21.
- (9) A. Schaff, *Introdução à Semântica*, trad. bras., Ed. Civ. Bras., Rio de Janeiro 1968.
- (10) A. E. Weil, *Tradition et traditionalisme*, cit. por P. Valadier, *Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx*, Cerf-Desclée, Paris 1974, p. 12.
- (11) P. Valadier, o. c. p. 12.
- (12) L. Althusser, o. c. p. 25.
- (13) J. Ladrière, *La Théologie et le langage de l'interprétation*, em: *Rev. Théol. Louv.* 1(1970, 1) p. 248.

- (14) Cl. Boff, *Théologie et Libération. Questions d'épistémologie*, Dissertation présentée pour l'obtation du grade de Docteur en Théologie, Univ. Cathol. Louv., Faculté de Théologie, ad instar manuscripti, Louvain 1976, pp. 32, 167, 170, 209, 267-269.
- (15) Z. Alszeghy - M. Flick, *Come si fa la Teologia? Introduzione allo studio dela Teologia Dogmatica*, Ed. Paoline, Alba 1974, pp. 14ss.
- (16) H. Cl. de Lima Vaz, *Fundamentos filosófico-histórico-antropológicos da noção de Igreja Particular*, em: *Div., Igreja Particular*, Ed. Loyola, São Paulo, 1974, p. 167ss.
- (17) F. Taborda, *Teologia e Ciências no Diálogo Interdisciplinar*, em: *REB 34 (1974) p. 830*.
- (18) M. de Certeau, *Faire l'Histoire*, o. c. p. 4.
- (19) E. Verón, *Ideologia, Estrutura e Comunicação*, trad. bras., Cultrix, São Paulo 1970, pp. 141-192.
- (20) J. B. Libânio, *Critérios de Autenticidade do Catolicismo*, em: *REB 36 (1976) pp. 61-63*.
- (21) G. Bachelard, *La formation de l'esprit scientifique*, Vrin, Paris, 1972 pp. 23-54.
- (22) L. Boff, *Que é fazer teologia partindo de uma América Latina em Cativoiro?* em: *REB 35(1975) 853-879*.
- (23) D. Antiseri, *Dal neopositivismo alla filosofia analitica*, Ed. Abete, Roma 1966.
- (24) J. B. Libanio, *Estudos Teológicos*, Ed. Loyola, S. Paulo 1969, pp. 101-129.
- (25) F. König, *Theologische Fakultät*, em: *WuW 20(1965) pp. 333-336*.
- (26) J. Comblin, dir., *Curso de Teologia. Experiência do Seminário Regional do Nordeste. 1ª e 2ª parte*, Recife 1969-1970.
- (27) J. Van Nieuwenhove, *Les "Théologies de la Libération" latino-americanes*, em: *Le Point Théologique*, nº 10, Paris 1974, pp. 67-104.
- (28) F. Taborda, art. cit., pp. 834/5.

- (29) SODOC 7(1974/5) n° 81, col. 1057-1216; SEDOC 9(1976) n° 95, col. 257-448.
- (30) Catolicismo Popular, em: REB 36(1976) pp. 5-280.
- (31) A. Antoniazzi, Tendências atuais das universidades católicas no Brasil, em: Cadernos ABESC 1(1975) n° 1 pp. 25-37.
- (32) K. Rahner, Intellektuelle Redlichkeit und christlicher Glaube, em: Schriften zur Theologie, Benziger Verlag, Einsiedeln 1966, VII 54-76.
- (33) CONC. Vat. I, Const. Dogm. "Dei Filius", DS 3043.
- (34) DS 3549.
- (35) H. G. Gadamer, Le problème de la Conscience historique, PUL-Ed. Béatrice-Nauwelaerts, Louvain-Paris 1963, p. 7: H. Cl. de Lima Vaz, Ontologia e História, Duas Cidades, S. Paulo 1968, 201-280.
- (36) W. Schulz, Philosophie in der veränderten Welt, Neske, Pfullinge 1974, pp. 11ss.
- (37) E. H. Schillebeeckx, Interpretación de la fé, aportaciones a una teología hermenéutica y crítica, trad. esp. Sigueme Ed. Salamanca 1973.
- (38) E. H. Schillebeeckx, La presencia de Cristo en la Eucaristía, trad. esp. Madrid 1968; id. Transsubstantiation, transfinalisation, transsignification, DOC - Roma s/d.
- (39) G. Vahanian, The Death of God, The Culture of our Post-Christian Era, G. Braziller, New York 1957; C. Bent, O movimento da Morte de Deus, Moraes Ed. Lisboa 1968; J. Lee Ice - J. J. Carey, ed., The Death of God Debate, The Westminster Press, Philadelphia 1967.
- (40) J. Sobrino, El conocimiento teológico en la Teología Europea y latinoamericana, em: Encuentro Latinoamericano, Liberación y Cautiverio, México 1976, pp. 177-207.
- (41) H. Cl. de Lima Vaz, Igreja-reflexo vs. Igreja-fonte, em: Cadernos Brasileiros, n° 46, março-abril 1968, p. 19.
- (42) R. Latourelle, Teologia, Ciência da Salvação, trad. bras. Paulinas 1971, pp. 30-37. R. Aubert, I. Les grands courants. I. La théologie catholique, em: Bilan de la Théologie du XXe.

siècle, I, Casterman, Paris 1970, pp. 438ss; J. Comblin, *Vers une Théologie de l'action*, Bruxelles 1965, pp. 32-40.

- (43) M. Lenz, *O Desenvolvimento Brasileiro: Características e Implicações de um Modelo*, em: *Evangelização no Brasil hoje - Conteúdo e Linguagem*, Ed. Loyola, São Paulo 1976; F. Avila, *A missão social da Igreja hoje*, em: *Missão da Igreja no Brasil*, Ed. Loyola S. Paulo 1973, 151-168.
- (44) CRB - XI Assembléia Geral Ordinária Eletiva, julho 1977, em: *Convergência* 9(1976) pp. 264-267; 323-335; 451-458; 515-525.
- (45) Comissão Representativa da CNBB, *Comunicação Pastoral ao Povo de Deus*, em: *Comunicado Mensal da CNBB*, Rio outubro 1976.
- (46) J. Comblin, *La nueva practica de la Iglesia en el Sistema de la Seguridad Nacional. Exposición de sus principios teóricos*, em: *Encuentro latino-americano de Teología, Liberación y cautiverio*, Mexico 1976, pp. 155-177.
- (47) J. L. Segundo, *Condicionamientos actuales de la reflexión teológica em latinoamérica*, em: *Encuentro latinoamericano de Teología*, o.c. pp. 91-101.
- (48) SEDOC 1(1968) col. 737.
- (49) SEDOC 1(1968) col. 739.
- (50) SEDOC 6(1973/4) col. 626.
- (51) O Estado de São Paulo, sábado, 20.XI.1976, p. 22.
- (52) Ch. Antoine, *L'Eglise et le pouvoir au Brésil, Naissance du militarisme*, DDB, Paris 1971; M. Moreira Alves, *L'Eglise et la politique au Brésil, Du Cerf*, Paris 1974.
- (53) J. C. Scannone, *O desafio atual à linguagem teológica latino-americana sobre libertação*, em: *Síntese* 1(1974), nova fase, nº 2 pp. 3-20.
- (54) O Dana, *Os deuses dançantes: um estudo dos Cursillos de Cristandade (Cid Pastoral/4) Vozes*, Petrópolis 1975.
- (55) R. Azzi, *Elementos para História do Catolicismo Popular*, em: *REB* 36(1976) 95-130.

- (56) L. Boff, Que é fazer teologia partindo de uma América Latina em Cativoiro? em: REB 35(1975) 853-879.
- (57) J. van Nieuwenhove, art. cit. p. 53.
- (58) J. C. Scannone, Hacia una Pastoral de la Cultura, em MIEC-JECI, Doc. nº 16, feb. 1976.
- (59) E. Hoornaert, Os perigos que ameaçam as CEBs, em: SEDOC 9(1976) nº 95, col. 275-286.
- (60) Cl. Boff, Théologie et Liberation; Louvain, 1976, pp. 421ss.
- (61) E. Hoornaert, art. cit. col. 281-285.
- (62) A. Gramsci, Los intelectuales y la organización de la cultura, B. Aires, Nueva Visión 1972.
- (63) Basta ver: Encuentro Latinoamericano de Teología, Liberación y Cautiverio, Debates en torno al método de la Teología en A. Latina, Mexico 1976.